

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
N.º 62

Lisboa, 16 de Julho de 1928

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

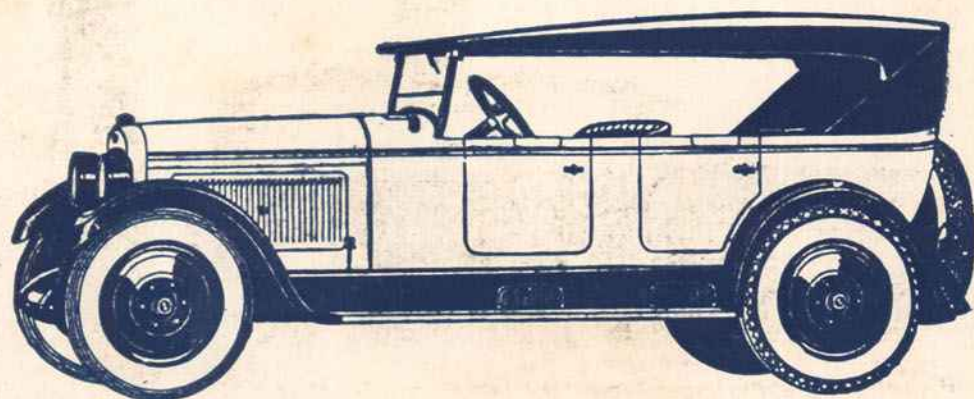
59, Avenida dos Aliados
PORTO

OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

MAXIMO DE CONFORT POR UN PRECIO RAZONABLE.

O novo Studebaker Erskine Six Club Sedan é uma "conduite-intérieure" de seis cilindros, de preço razoavel, que, ás qualidades proverbiaes americanas, reúne as mais felizes características dos carros europeus.

Graças a esta concepção absolutamente moderna, o novo "Club Sedan" Erskine Six é o primeiro carro ligeiro, realmente de luxo, confortavel em todas as estradas, e a qualquer velocidade-gastando menos oleo e gazolina do que qualquer outro carro de categoria identica, e egualando, em funcionamento, os carros de maior preço.

Uma prova retumbante!: En 13 d'Outubro de 1927 manteve uma media de 87 klm. 047 á hora, durante 24 horas, incluindo todos as paragens.

*6 cil. 12 HP. 100 klm. a hora
rampas de 11 % em prise directa*

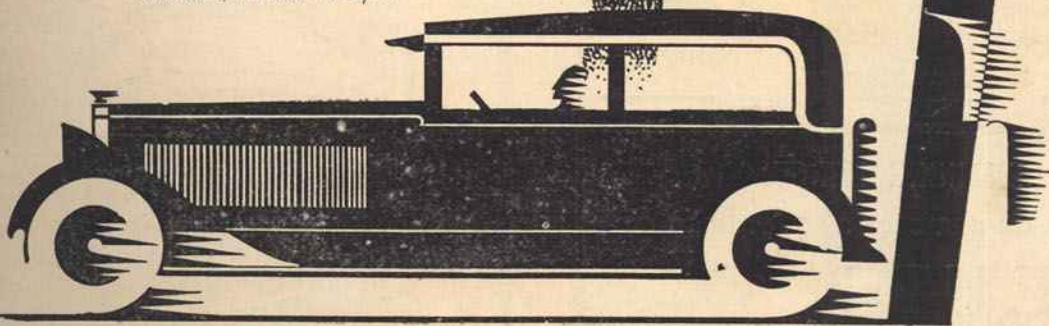
Unicos representantes para Portuga: C. SANTOS, LDA

LISBOA: Rua do Crucifixo 55 a 59

PORTO: Praça da Liberdade.

— Edificio da Nacional

*Podeis comprar estes carros com o mesmo
rendimento, sem tocar no capital*



F.C.R.
ATLANTIC
E.B. 71



STUDEBAKER



AMERICAN BAR

CALLE DE SAN JUAN

FELIPE MONTALBAN

LA MEJOR CERVEZA DEL MUNDO SE BEBE EN ESTA
CERVECERIA DE ESMERADO SERVICIO Y FRECUENTADA
POR LAS PERSONAS MAS DISTINGUIDAS.

AMERICAN BAR

CALLE DE SAN JUAN — **BADAJOS**

NYTHIS
Parfums de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PO DE ARIPOZ
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA
SABONETE

Se Vendem em Lojas das Cidades
Agentes gerais STEINER & FILHO, Rua da Marquês 177, LISBOA.

ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de aparecer a 27.^a edição de

EURICO O PRESBYTERO

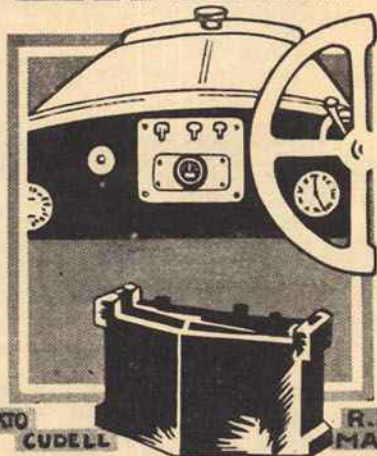
COM DOIS APENDICES

Edição das LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

Exide

THE LONG LIFE
BATTERY



Eng.

ROBERTO
CUDELL

Pótero

R. PA. / 01
MANOEL

REPRES/ENTANTE EXCLVIVO

TODOS DEVEM ADQUIRIR

a) — **COMPENDIO DE GEOGRAFIA**

Preço encadernado 5\$50

(1.ª classe dos liceus e cursos comerciais)

PELO DR. LUÍS SCHWALBACH

A mais completa e simples **INICIAÇÃO GEOGRAFICA**,
enriquecida com muitas gravuras

b) — **GEOGRAFIA** PELO DR. LUÍS SCHWALBACH

TOMO I — **EUROPA, ASIA, AUSTRALASIA, AFRICA E AMÉRICAS.**

TOMO II — **PORTUGAL, COLÓNIAS PORTUGUESAS, BRASIL E REGIÕES POLARES.**

Numerosas estampas e mapas a côres

Preço de cada tomo encadernado 7\$50

O mais interessante e útil trabalho ultimamente publicado: **TODOS OS CAPITULOS VEM ENCIMADOS COM ALUSIVAS PASSAGENS DOS «LUSÍADAS».**

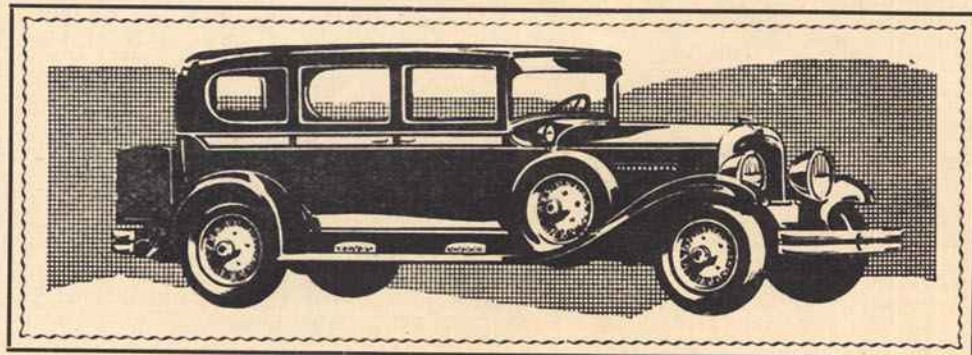
Obra indispensável principalmente aos alunos dos liceus e das escolas de ensino industrial e comercial, aos coloniais e aos brasileiros residentes no nosso país

DESCRIÇÕES SUGESTIVAS DAS MAIS VARIADAS TERRAS — VIAJAR PELA LEITURA OS MAIS RECENTES DADOS ESTATÍSTICOS

PEDIDOS ÀS
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

Rua Anchieta, 25 — LISBOA

AUTOMOVEIS REO



ELEGANTE
CONFORTAVEL
SEGURO
MODERNO
EM TUDO

UMA COMBINAÇÃO RARA DE BOAS QUALIDADES

A REO Motor Car Company está construindo para 1929 automoveis do seu modelo «FLYING CLOUD» para os conhecedores, que desejem um carro que combine qualidades que até aqui nunca se encontraram reunidas num só carro.

O REO «FLYING CLOUD» para 1929 possui: uma grande velocidade e uma tremenda faculdade de subir encostas; facilidade de condução e de maneo; elegancia e modernismo; bela apparencia e bom funcionamento.

Uma inspecção rapida das suas linhas exteriores mostrará seguramente a forma dos estilos futuros. Um estudo cuidadoso do seu maquinismo impressionará o conhecedor pelos aperfeiçoamentos com que os seus constructores o dotaram.

AGENTES GERAIS: CONTRERAS & GARRIDO, L.^{DA} — 109, Avenida da Liberdade, 171 — LISBOA

SUB-AGENTES NO PORTO: EMPRESA INTERNACIONAL DE COMERCIO E INDUSTRIA L.^{DA}
225 — RUA 31 DE JANEIRO — 229

MAGAZINE
BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

VEJAM O NÚMERO DE JULHO

obesidade.

"SAL de FRUCTA"

ENO

"FRUIT S'ALT"

Todo o tratamento contra a obesidade deve ser acompanhado com o uso regular de Eno's "Fruit Salt". Sem assucar nem sal mineral purgativo, o Eno actua com eficacia, suavemente como a fructa. Facilita a digestão, evita a dilatação do estomago, liberta o intestino e aumenta as probabilidades de se obter bom resultado com qualquer regimen que se adopte contra a obesidade. 60 anos de reputação mundial!

Exigi sempre a marca ENO'S "FRUIT S'ALT"

As pulveres "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da Jaleisco registadas.

Depositaris em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY, & C^o. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

TODO FORASTERO QUE NOS
HONRE CON SU VISITA, SI DE
PALADAR EXQUISITO Y GUSTO
DELICADO NO PEDIRÁ OTRA
CERVEZA QUE

CERVEZA DE HERENA

LA EXTREMEÑA

en botellas y en grifo, debiendo exigir
esta marca que triunfa sobre todas.

DELEGADO CON DEPOSITO EM BADAJOZ

MANUEL BALLESTEROS DE MIGUEL

DOCTOR—LOBATO 4

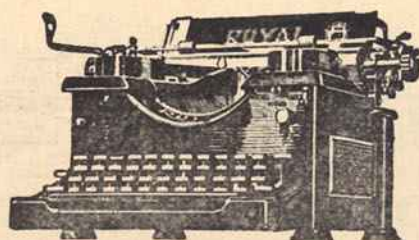
*En los cafés, bares y restaurant siempre CERVEZA HERENA será el grato
recuerdo que se lleven de Badajoz*

LA MAQUINA
DE ESCRIBIR

ROYAL

NO ADMITE
COMPETENCIA

NO ES BUENA
ES LA MEJOR



ROYAL
TRADE MARK
ROYAL TYPEWRITER COMPANY, INC.

TYPEWRITERS

LA MAQUINA
DE ESCRIBIR

ROYAL

NO ADMITE
COMPETENCIA

ES LA MEJOR
DEL MUNDO

TRUST MECANOGRÁFICO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA EXTREMADURA

MANUEL BALLESTEROS DE MIGUEL

SALON DE EXPOSICION Y VENTAS

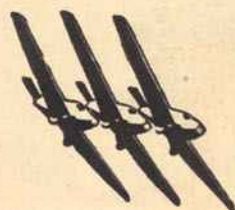
EHEGARAY, 10—**BADAJOZ**

STUTZ

**O CARRO QUE É QUASI TÃO BOM COMO
O MELHOR AUTOMOVEL DO MUNDO**

A. M. ALMEIDA L.^{DA}

39, RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 39-A — LISBOA



50 % REDUÇÃO NOS JUNKER'S

MÊS DE JULHO

Ida para Madrid	Esc. 375.000
Ida e volta	Esc. 650.000
Carga por quilo	Esc. 6.000

Serviços Aereos Portugueses, Ltd.

Avenida da Liberdade, 3

OS PRODUCTOS NESTLÉ

LEITE CONDENSADO MARCA «MOÇA»

◆◆◆ FARINHA LACTEA ◆◆◆

**SÃO ALIMENTOS SCIENTIFICAMENTE
COMPLETOS PARA CRIANÇAS E CON-
: : : : : VALEScentes : : : : :**



PEDIR AMOSTRAS À

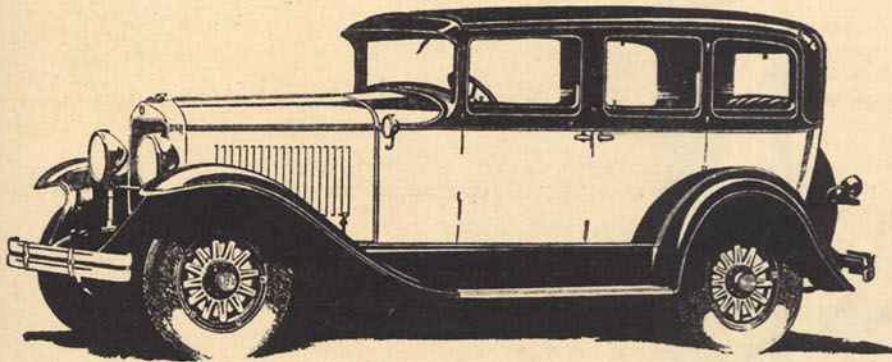
NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK C.^o

RUA IVENS, 11-13-LISBOA

(Vêr na pagina 13 desta revista uma curiosa fotografia documental que atesta o valor dos nossos produtos)



Uma Nova Serie de Automoveis



Sedan Modelo 619

Uma grande variedade de modelos de carrocerias sobre cinco chassis diferentes, quatro dos quais de seis cilindros e um de oito, por preços ao alcance de todo o comprador. Os novos modelos, excepto o 610, teem quatro velocidades, com a terceira e a quarta directas e absolutamente silenciosas.

Torpedo modelo 610 de seis cilindros, para cinco passageiros, de 2,80 metros de distancia entre os eixos, com cambota de sete chumaceiras e travões hidraulicos nas quatro rodas. Informe-se do seu preço e compare.

A quem já possui automovel e aos que tencionam comprar o seu primeiro carro, apresentamos uma nova e completa serie de modelos dignos de serem examinados..

*Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*

Unico concessionario para Portugal:

J. COELHO PACHECO

21, Avenida da Liberdade

Stand e garage: 90, 92 e 94, Rua Braamcamp

Telefone: Norte 2595

LISBOA

GRAHAM-PAIGE



Estão prontas as malas!

Oh! A alegria das crianças! E... como a mamã se apressa! Sómente o papá está preocupado! Não esqueceria nada!

Não ha férias completas sem um "Kodak"

Que não vos esqueça esse tão querido companheiro... um "Kodak"! O espaço que ele ocupará na vossa mala é insignificante e contudo ele encarregar-se-ha, não só de vos dar uma agradável distracção, mas ainda de fixar para sempre aquelas tão fugazes horas de felicidade que constituem as vossas férias.

Coleccionando essas fotografias "Kodak" podereis mais tarde revêr as vossas férias, mostrando orgulhosamente aos vossos amigos, os lugares que visitasteis.

**As férias passam :
ficam as vossas fotografias "Kodak"**

Poucos minutos bastam para aprender o manejo d'um "Kodak"

Em qualquer boa casa de artigos fotográficos, encontrareis sempre um completo sortido de "Kodaks", desde 175 s - "Brownies" de Caixa desde 65 s.

3 elementos vos garantem o successo :

Aparelho "Kodak".
Nem todos os aparelhos fotográficos são "Kodak". Só são "Kodak" os fabricados pela Companhia Kodak que os estudou sob o ponto de vista de fácil manejo.

Película "Kodak".
E a Película que vos garantirá sempre bons resultados. Evitareis a perda de muitos negativos preciosos que talvez vos lósse impossível repetir mais tarde.

Papel "Velox".
A melhor prova que podereis obter d'um vosso negativo é a que tiver impresso no dorso o nome "Velox". As melhores casas de artigos fotográficos usam "Velox"

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30-Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77 1.º
(Ant. R. da Procição)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.^{DA}
R. Garrett, 73, 75—Lisboa
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084

DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 3.º — N.º 62

16 DE JULHO DE 1928



Visitaram Lisboa, há pouco, vindos de Madrid, no soberbo «Junkers», os ilustres literatos Alfonso Hernández Catá, velho amigo de Portugal, e José Balseiro, bem como o grande jornalista espanhol Luis de Oteyza, director que foi da «Libertad», e célebre, entre outros motivos, pelas suas entrevistas realizadas em Marrócos com Abd-el-Krim, no quartel general deste candidato, no auge da guerra com a Espanha. *Ilustração* saúda nos ilustres homens de letras espanhóis, que lhe deitam a honra da sua visita, a intelectualidade espanhola e a amiga Espanha.

As nossas fotos representam: EM CIMA: — Grupo tirado após a chegada do avião a Alverca em que se vêem D. Enrique Molina, Ilustre Encarregado de Negócios de Cuba (1), o poeta portorriquenho José Balseiro (2), o novelista cubano Hernandez Catá (3), o mestre de jornalistas Luis de Oteyza (4) e Eulino Móra, secretário da Legação de Cuba (5), além do nosso director e outras pessoas que esperaram os ilustres amigos. AO CENTRO: — O nosso director, João de Sousa Fonseca, ás boas-vindas, em nome da *Ilustração*, ao representante Ilimito do jornalismo espanhol. EM BAIXO: — Uma sensacional foto. O fotógrafo da *Ilustração*, de bordo dum aparelho onde veem no encontro do «Junkers», fotografa o lindo aparelho dos Serviços Aéreos Portugueses, quando este toca em terra

(Fotos exclusivas da «Ilustração».)

“Ilustração,, é a mais bela revista da língua portuguesa; o seu esforço o merece, as suas páginas o provam

CRÓNICA DA QUINZENA

Está-se procedendo, em todo o País, à inspecção dos mancebos que hão de ser chamados ao serviço militar — os que para êle as respectivas Juntas considerem aptos. Óptima ocasião para se inquirir do vigor da raça, em pavorosa decadência, segundo uns, apenas diminuído segundo outros, não havendo quem afirme que êle é hoje o que era ontem, quando nos abalauçávamos a empreendimentos que exigiam saúde e robustez.

Somos poucos, visto que somos apenas seis milhões; mas se além de poucos fôrmos doentes, a nossa eliminação é certa na concorrência das Nações.

A França há muito tempo que tem uma população estacionária ou quasi estacionária, oscilando entre trinta e oito e quarenta milhões; mas viu-se, por ocasião da *grande guerra*, que nem as suas energias físicas nem as suas energias morais tinham diminuído, visto sobre ella ter carregado todo o peso dessa luta gigantesca, que durou quatro anos contínuos, sem a vergar. Ficou provado que os soldados de Napoleão não morreram sem descendência, explicando-se o desastre de 70, não pela debilidade dos homens ou pelo aviltamento da Nação, mas pela insuficiência dum imperante que o Destino não tinha fadado para ser o portador dum nome glorioso, chefiando uma Nação grande entre as maiores.

A população é a maior riqueza e é toda a força duma nacionalidade, com a imprescindível condição de ser constituída por gente válida, sã de corpo e de espirito, que a saúde do corpo sem a do espirito, como a saúde do espirito sem a do corpo é coisa de somenos valor.

A Alemanha é, de todas as Nações da Europa, aquella em que a população cresceu mais depressa, no decurso dos últimos cem anos. Quando rebentou a guerra, em 1914, tinha ella, em números redondos, setenta milhões de habitantes. Mas foi só por haver muitos alemães que a Alemanha se tornou grande e poderosa?

De forma alguma.

A grandeza, o poderio da Alemanha resultou, em parte, sem dúvida, do seu crescimento proporcional; mas foi devido, principalmente, à intensificação das suas qualidades morais, compreendendo nesta denominação genérica os predicados da intelligência e do carácter.

Cuidando muito, e com muito tino, da sua educação física, para ter um corpo sã — *corpore sano* — o alemão dedicou-se com igual cuidado à sua educação moral e intellectual, para ter aquella *mens sana* do velho e bem conhecido proloquio.

Tão prática como a Inglaterra, e menos revolucionária que a França, a Alemanha tratou de criar um utilitarismo scientifico, mercê do qual a escola e o laboratório se conjugam ou aliançam com a terra e a fábrica para elevarem ao máximo a produção de utilidades, isto é, de riquezas.

A química é uma sciência francesa; mas

em França ella nunca se despojou das suas prosápias fidaigas, quasi sem a menor influencia na vida das indústrias, e na Alemanha ella procurou, desde a primeira hora, sem abdicar da sua alta categoria na esfera dos conhecimentos humanos, confiar uma blusa e pôr-se a trabalhar nas officinas.

Ainda hoje a França não fabrica matérias corantes, como a Alemanha, não obstante os esforços que nesse sentido empenhou durante a guerra, quando os mercados do mundo inteiro estavam fechados ao comércio alemão.

O nosso indice de natalidade tem crescido, muito lentamente, é certo, mas tem crescido, e o nosso indice de mortalidade vale, aproximadamente, o dos Países onde a duração média da vida não desceu a um nível que cause temores. Quer-nos parecer que não somos uma raça em degenerescência, uma raça condenada a desaparecer, não por velhice, porque apenas contamos oito séculos de existência, como Nação, mas por miséria orgânica e aviltamento moral, havendo entre estes dois fenómenos, quer se trate de indivíduos, quer se trate de povos, uma necessária e estreita interdependência.

As Juntas de inspecção aos mancebos na idade militar podem e devem colher elementos preciosos que nos instruem sobre o vigor físico da raça, em termos de se adoptarem, sem perda de tempo, as providências efficazes, para se curar hoje o mal que amanhã não terá remédio.

Primum vivere, mas viver não é apenas durar, ir contando anos uns atrás dos outros, anos de pouca saúde e mínimo vigor, reproduzindo-se os fracos, os débeis, os enfermos, em frutos fracos, que melhor fóra não virem ao mundo, agravando o mal da Sociedade.

Pelo que nos dizem as estatísticas, quanto ao consumo do pão e da carne, somos um Povo que se alimenta com excessiva parcimonia, não por temperança, mas por miséria.

As coisas mudaram, da guerra para cá, sobretudo nos campos, onde o trabalhador, quando comia por sua conta, fazia uma alimentação que seria insufficiente mesmo que não dispendesse energias a trabalhar. A máquina humana tem isto de curioso — consome sempre, mais quando trabalha que quando não trabalha, mas não deixa de consumir pelo facto de estar parada. Os animais que hibernam, saem magros do seu sono hibernante, e os madraços que passam a vida de corpo direito, sem mudarem uma palha dum lado para outro, se não têm quem lhes encha a barriga, é como se hibernassem.

A cavar a terra, debaixo dum sol de fogo nos tempos em que eu era menino e moço um trabalhador não chegava a comer, no dia um pão de quilo, e quando se dava o luxo de ter conduto, não ia além duma sardinha, meia dúzia de azeitonas, um quarto de quejinho, e no tempo da fruta, um péro verde ou uma péra engelhada. Era assim, no baix Alentejo, há quarenta ou cincuenta anos, e assim continuou a ser por muito tempo, deixando de ser de 1918 para cá, isto é, depois de acabada a guerra.

Duma forma geral, toda a gente hoje se alimenta melhor do que se alimentava, e melhor se alimentaria, nas cidades e nos campos, se a paixão do luxo, quasi vesânica, não obrigasse a restrições na alimentação para inutilidades de vestuário e gastos dispendiosos de toda a ordem.

O trabalho das Juntas de inspecção, de que nos temos occupado nesta crónica, deveria ser complementar de trabalhos feitos nas Escolas, em todo o País, pelos médicos escolares. Não conhecemos relatórios que esses médicos tenham publicado, ou que o governo tenha feito publicar, visto tais publicações serem caras, não podendo os médicos fazê-las por sua conta. Não conhecemos tais relatórios, quer-nos parecer que não caluniávamos ninguém, porque apenas constatóvamos um facto, dizendo que os não conhece ninguém, pela simples mas soberana razão... deles não existirem.

Para todas as Escolas primárias de Lisboa, se não estamos em erro, há uma balança e uma cravadeira, instrumentos necessários mas insufficientes para se fazer a biografia antropológica da criança. Muitas crianças vão à Escola descalças, mal enroupadas, e em grande número, alguns milhares, não aprendem a ler, porque os pais, muito pobres, não querem pôr os seus filhos andrajosos ao pé de meninos bem vestidos.

A médicos escolares temos ouvido enunciar o aspecto de fome que se nota em muitas crianças, e continuam muitas Escolas, maior número, sem cantinas, como se uma refeição às crianças custasse mundos e fundos.

Vigor intellectual, rigidez moral, sentimento pátrio que não seja apenas uma forma de egoismo pessoal, um costume mais que uma tradição, qualidades são estas que os portuguezes dos nossos dias andam muito diminuídas, às vezes dando a impressão de se encontrarem a tal ponto obliteradas, que é como se não existissem.

Não temos a alegria saudável das raças fortes, o orgulho, por vezes insolente, dos Povos que dominam.

Talvez a nossa humildade seja apenas um sinal de fraqueza, e pode bem ser que a nossa apatia intellectual e moral derivem de não termos bastante pão na carne, e bastante carne na cosinha.

BRITO CAMACHO.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES



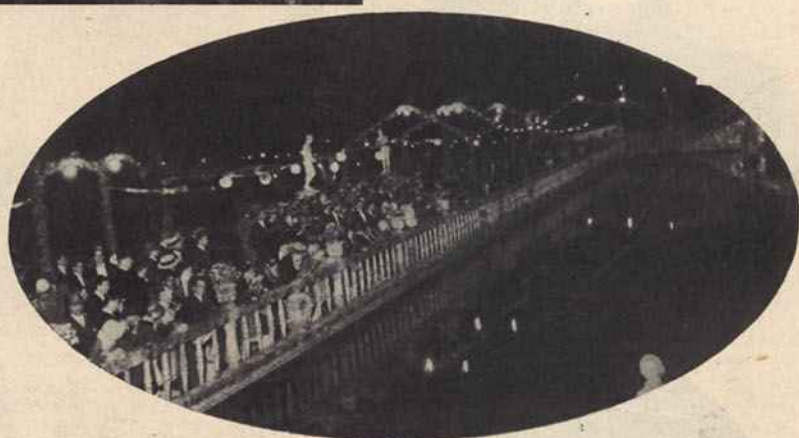
A ESQUERDA: — Grupo de jogadores portugueses de foot-ball, do Sporting Club de Portugal, reforçado por elementos de outros clubs, que defenderá no Brasil as cores nacionais. A bordo antes da partida.

«Ilustração» envia, com este grupo, um redactor desportivo ao grande pais irmão, redactor que enviará reportagem exclusiva para esta revista.

NO OVAL: — Aspecto das soberbas festas elegantes realizadas nos jardins do maravilhoso palácio Fronteira



Aspecto da conferência sobre «Camões e a epopéia nacional» realizada no Ateneu Comercial do Funchal pelo nosso colaborador Adolfo Faria de Castro. O ilustre advogado dr. Juvenal de Araújo apresentando o conteúdo



Grupo de empregados e convidados da administração da Ilustração nas festas do pessoal gráfico



NO MEDALHÃO: — Redactores das publicações periódicas de Alland, Ld., senhoras convidadas e pessoal superior nas festas de carácter popular que lhes foram gentilmente oferecidas pelo pessoal gráfico

A ESQUERDA: — Aspecto da recita e festa do pessoal dos escritórios de Alland, Ld., efectuada recentemente com grande brilhantismo

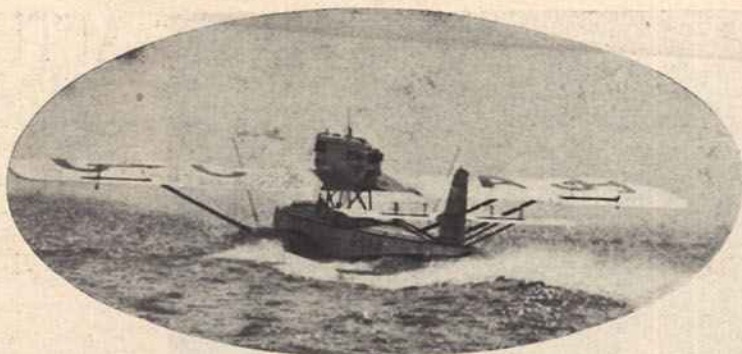


NO OVAL: Grupo do pessoal gráfico da Ilustração que, esparitiosamente desempenhou funções de cozinha, copa e restaurante, durante as festas promovidas pelo pessoal das oficinas em homenagem à redacção e administração desta revista

Fotos
Mário de Novais

ACTUALI

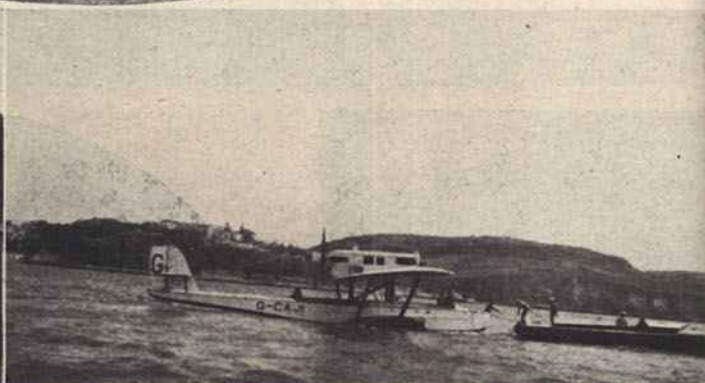
O conhecido aviador inglês Courtney partiu de Lisboa para Nova York, via Horta, num avião igual ao «Argos», de Sarmiento de Beires, com o propósito de fazer a primeira travessia do Atlântico Norte da Europa para a América. As nossas fotos, inteiramente exclusivas, mostram: NO OVAL: O momento de desco-



DADES

ragem do hidro, no Tejo, ao raiar o dia. A ESQUERDA: Courtney (em baixo) e os seus companheiros de viagem, dando os últimos «burrinhos» antes de embarcar. A DIREITA: O hidro rebocado para o ponto de descolagem, o aviador Courtney usa, na sua viagem, óleo e gasolina «Shell».

(Fotos A. C. de Macedo)



A VISITA DOS JORNALISTAS À POVOA.—As nossas fotos, devidas ao hábil amador J. M. Coutinho, na Póvoa do Varzim, reproduzem: NO MEIO: LIXÃO, à esquerda.—O cortejo que acompanha os jornalistas à Câmara Municipal. A DIREITA: As espectralidades poeiras esperando na estação os seus convidados.

NO OVAL DA ESQUERDA, em baixo:— Mesa de honra que presidiu à inauguração do prestimoso Instituto de Cultura Luso-Italiano

NO OVAL DA DIREITA, em baixo:— O lindo «stand» da Vacum Oil Company no Grande Salão do Automóvel do Porto, stand que merece pela sua originalidade. — (Foto Alvaro Martins)





O hidro avião de Courtney no amarrar na formosa baía da Horta (Faial) depois do voo Lisboa-Horta em 12 horas. — (Foto amavelmente cedida pela Portugalia-Horta)

Um aspecto do pitoresco passeio fluvial promovido pelo Club Naval e que refina, em alegre diversão, muitas famílias da melhor sociedade.

A ESQUERDA: — A partida de Jorge Colaço para o Brasil. O eminente artista conversando com seu filho, o poeta Tomás Colaço, antes do embarque



NO OVAL: à direita: — O team de honra da casa bancária Dias, Costa & Costa que venceu o team da Casa Herold Lala em desafio amigável



Essas três gemecas, nascidas sob o ardente sol equatorial. Nessas regiões, isto é considerado de mau agouro, e os pobres entesinhos foram abandonados no meio da selva. Felizmente, um missionário encontrou-as e levou-as imediatamente para casa. Como nenhuma indígena queria ocupar-se das crâncinhas com recuo que lhe acontecesse qualquer fatalidade, o missionário resolveu criá-las de próprio e conseguiu salvá-las alimentando-as com leite condensado «Moça» da fábrica Nestlé, o que prova que não existem maus gênios que possam ir contra os efeitos de um bom leite condensado.

EM BAIXO, à esquerda: — A pianista Ivonne Lambert, durante o concerto que realizou no salão do Bristol Club



NO OVAL DE CIMA: — Aspecto do delicioso recital de canto realizado na Liga Naval por Mariana Dewander Gabriel, com a colaboração gentil da eminente pianista M.^{me} de Castelo Lopes

NO OVAL DE BAIXO: — A nossa colaboradora M.^{me} Francisca Benoit durante o seu último concerto-conferência realizado no Salão do Conservatório

VIDA DESPORTIVA

1 — Assistência elegante ao Concurso Hípico realizado no Pôrto

2 — Um formoso salto do capitão José Mousinho, no Concurso do Pôrto

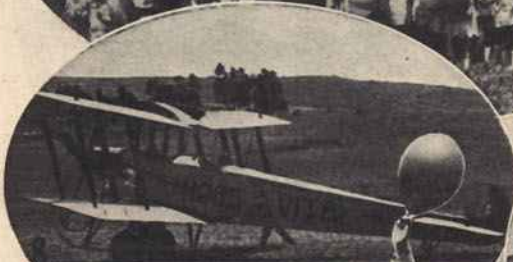
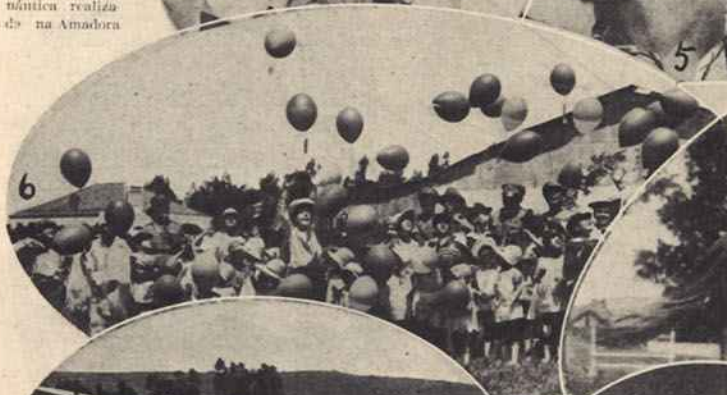


3 — Os vencedores dos 3 primeiros prémios na disputa da «Taça do Centro Hípico do Pôrto»

3 — No Concurso Hípico do Pôrto. A entrega de laços aos concorrentes

4 — Um grupo de lindas senhoras assistindo ao concurso hípico

5 — A largada de balões pelos pequeninos na festa aeronáutica realizada na Amadora



7 — Uma linda passagem de cancela curva pela densa mata amazônica, «miss» Steci, uma das triunfadoras do Concurso do Pôrto

8 — Um dos aviões que tomaram parte nas provas de aviação na Amadora

9 — Sua Ex.^a o sr. Presidente da República e o sr. ministro dos Estrangeiros, na festa de aviação da Amadora



10 — Os pequeninos concorrentes ao lançamento de balões na Amadora

(Fotos de Alvaro Martins e Mário de Novais — excl. da «Ilustração»)

TERRAS DE PORTUGAL

A feira de amostras de Braga foi o grande acontecimento comercial do Norte. Em baixo reproduzimos o stand curiosíssimo dos vinhos «Landim» das propriedades do Ex.^{ma} Sr. António Lopes da Cunha.

Na risonha freguesia de S.^{ta} Marta, arredores de Viana do Castelo, realizou-se a festa da Senhora do Livramento levada a efeito por quinze mordomas que rivalizaram em se apresentar com os mais lindos e opulentos trajes regionais, levando à cabeça os característicos cestos de flores, de muitos milhares de malmequeres brancos, ornados ao centro por flores variadas. A linda foto que publicamos foi-nos enviada pelo distinto fotógrafo Aureliano Carneiro e representa as mais vistosas mordomas.



São depositários destes deliciosos vinhos, em Lisboa, Dias & Pinto Lopes, Poço do Borratim, 13; em Coimbra, Cesar Sobral, rua Adelfino Veiga, 70 e no Porto, nos seus escritórios, rua de Santo Ildefonso, 17.

NO OVAL EM CIMA E À ESQUERDA: — Por ocasião da visita do sr. governador civil de Aveiro, tenente José Rodrigues da Silva Mendes, à Arrifana de Santa Maria; o sr. governador civil (x) tem à sua direita os srs. dr. Roberto Vaz, dr. Aguiar Cardoso, dr. Gaspar Alves Moreira e dr. Matos Carneiro e à esquerda os srs. conde de Fôjo, dr. Crispim Borges de Castro, José Soares de Sá, dr. Benjamim de Brito e sr. inspector escolar Manuel Pereira de Amorim. — (Foto Prof. F. Mendes)

À ESQUERDA, em cima: — A barraca de Espozende, na feira de amostras de Braga

NO OVAL DA DIREITA: — O momento da Bênção Eucarística dada ao povo, do altar armado junto ao Monumento à Guerra Peninsular de Arrifana de Santa Maria, durante os festejos solenes que ali se realizaram nos dias 30 de Junho, 1 e 2 de Julho. — (Foto Prof. F. Mendes)



À DIREITA, em baixo — Na Arrifana de Santa Maria; o momento da Bênção Eucarística por ocasião da visita que o sr. governador civil de Aveiro fez àquela localidade e à história. Vila da Veira. — (Foto Prof. F. Mendes)

LIVRO DOS BRAZÕES DE ARMAS DE PORTUGAL

As armas e os barões assinalados
que, da ocidental praia lusitana...
Camões.

Alargando o âmbito da sua publicidade e no desejo de dar ao público um trabalho que se imponha não só pelo seu valor artístico, como pelo seu valor histórico, vai a *Ilustração* iniciar a publicação do *Livro dos Brazões de Armas de Portugal*.

Pelo seu interesse heráldico e histórico, merece a atenção dos que se dedicam aos estudos da nossa história, história portentosa, cheia de primores de nobreza em que Portugal é tão rico, taes os valores de que dispõe em todo esse período brilhante que vai dos séculos XII ao XV em que as conquistas e navegações foram de tal ordem que outras se lhe não aquilataram, como ainda dos amadores de arte, pois que o nosso labor procurará primar pelo seu cunho fundamentalmente artístico, para o que não nos furtaremos a todos os trabalhos e encargos que se nos antepõemham.

Vão passar pelas páginas da *Ilustração* as armas representativas dos nomes illustres que, pelo tempo fora, firmaram o nome português nas quatro partidas do mundo, impondo o valor e a força da nossa Raça a quantos tiveram que se deffrontar com Ella e deixando à admiração dos séculos vindouros os seus feitos brilhantes, quer nas façanhas legendárias dos Magriços quer nas longadas formidáveis dos Cabrais.

Vão passar igualmente, pelas páginas da *Ilustração*, as armas representativas dos no-

mes gloriosos que o mundo inteiro admirou e as mais altas camadas aristocráticas chamaram a si, engastando-os em famílias reinantes, como os Percéiras, ou dando-lhes a honra de lhes publicarem as páginas imortais em quasi quantas linguas a humanidade tem criado, como os Camões.

Aos Gamas, aos Albuquerque, a quantos mais podíamos entoar linos e recordar seus feitos! Mas não cabe aqui historiar essas figuras de epopeia. Cabe aqui sómente fazer a apresentação do trabalho que se vai iniciar.

Este trabalho interessa não só aos heraldistas e genealogistas, mas até aos historiadores e artistas, e bem assim a quantos investigam no passado e pelo seu encanto na lição se deixam prender.

É, pois, o *Livro dos Brazões de Armas de Portugal* uma obra que, prometemos, se imporá pela sua probidade histórica e valor estético.

Variada, profusa mesmo, é a bibliografia heráldica portuguesa; mas, entre todos os armoriais até hoje dados à estampa, pômos em relêvo o *Armorial Português*, do sr. Major Santos Ferreira, obra do maior apreço pelo escripto com que foi organizada e pela incontestada competência do seu autor, a quem, sem favor, consideramos a primeira autoridade no assunto. Não temos, pois, a pretensão estulta de vir desbancar todos os trabalhos que precederam este, pois cada um tem seu valor segundo a sua época, ponto de vista ou competência de quem o subscreve;

apenas queremos pôr nas mãos do público uma resenha do que até hoje se tem avançado na matéria.

No *Livro dos Brazões de Armas de Portugal*, cuja publicação agora encetámos, todos os brazões serão coloridos, mencionando-se com o máximo cuidado as diversas peças, côres e metais heráldicos.

A descrição dos brazões, que acompanha as estampas, será em português e francês, sendo fontes de estudo, além das cartas de brazão, a *Armoria Portuguesa* do sr. Braamcamp Freire, o *Nobiliário* do velho Vilas Boas, e outros elementos de valor, antepoendo, porém, a todos, o já citado trabalho do sr. Major Santos Ferreira.

Esta tentativa, que representa para o nosso meio um esforço único, pode, além de tudo isto, considerar-se, dizêmo-lo com desvanecimento, uma obra de arte pela correção dos desenhos e sua realização gráfica, com seis côres e metais, duma verdadeira sutuosidade. Além disto foi a direcção desta secção confiada ao illustre estudioso e apaixonado heraldista sr. A. de Gusmão Navarro, o que é garantia do êxito que merece a nossa iniciativa. *Ilustração* publicará, mensalmente, e a partir do próximo número 63, referente a 1 de Agosto, uma grande página «hors-texte», de luxo, que alternará assim com as soberbas reproduções de obras de arte que tem publicado com geral aprazimento e constituem um verdadeiro museu da pintura portuguesa e estrangeira.





Ilustração, no seu propósito, absolutamente desinteressado, de contribuir para a boa amizade de Portugal e Espanha, amizade de tão belo futuro e tão prometedora sob todos os pontos de vista, publica hoje algumas páginas sobre a bela cidade de Badajoz, talvez a cidade espanhola mais familiar à maioria dos portugueses. Esta publicação, prólogo do nosso próximo número especial dedicado ao grande país que conosco partilha esta bela península Ibérica, será como que a primeira pedra do edifício de amizade que construímos. Tal como Badajoz, a



D. Salvador Navarro de la Cruz, Ex.^o governador civil de Badajoz.

inda cidade, é o primeiro elo da cadeia de encantamentos que liga, num abraço, as capitais dos dois países amigos e irmãos. Ilustração agradece aos Ilustres literatos extremenos, ao Ayuntamiento de Badajoz e autoridades, a sua colaboração preciosa.

EL SUPREMO IDEAL

Ilustração, positivo alarde de la intelectualidad portuguesa y esforzado defensor de la confraternidad luso-española dedica las presentes paginas de su publicación à Badajoz.

Reputo como uno de los más preciados títulos de mi modesto historial periodístico el ser asiduo colaborador de Ilustração.



BADAJOZ — Palacio del Ayuntamiento

Considero como único orgullo de mi vivir afanoso el poderme llamar español y haber nacido en Badajoz, cuna de mi hijo y lecho en donde duermen el sueño eterno mis venerados progenitores.

Ambos títulos justifican —à falta de otros meritos— mi colaboración en el presente número de esta benemerita revista.

Mi cronica será breve estando limitada à unas cuantas afirmaciones sugeridas por mi vivir en tierras de Lusitania.

Comenzaré por afirmar que entre España y Portugal no existe esa intensa confraternidad que nace del mutuo conocimiento.

Somos vecinos de una misma casa que habitamos en distintos pisos y solo solemos vernos en la penumbra de la escalera cruzandonos sin cambiar el menor cortés saludo.

La Historia de ambos pueblos integrada por paginas que registran sublimes andacias, romanticas empresas y derroches de heroismos y abnegaciones, es identica.

El culto, exagerado, à la caballeridad, el divorcio constante con el positivismo, y la hidalguia, son peculiares en el caracter de ambos pueblos que por ser identicos lo son hasta en sus irreflexiones y en sus defectos.

Toda las semejanzas de Historia, usos, costumbres, aficiones, suelo y clima, unidas à la privilegiada situación geografica que ocupa la Península Iberica pudieran ser aprovechadas por la buena voluntad de ambos países y por sus gobernantes, determinando, dentro de la debida independencia



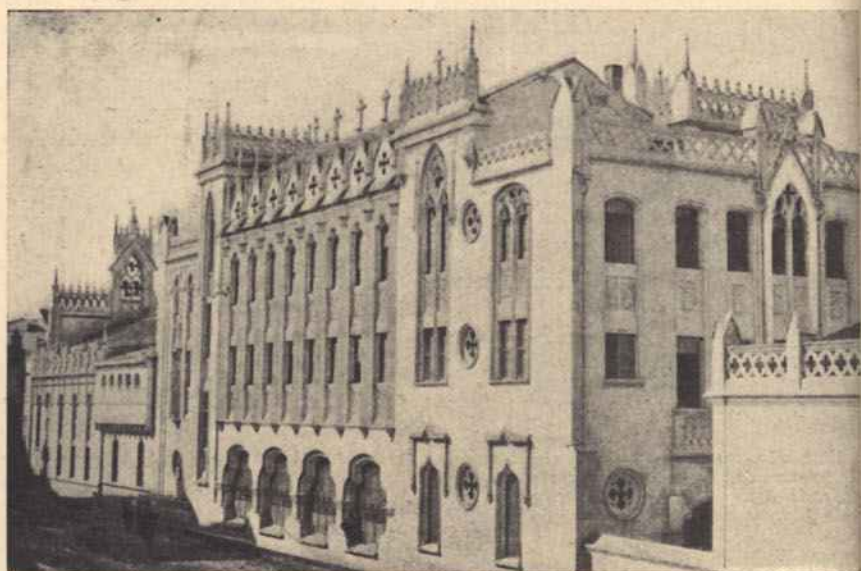
D. Ricardo Caripeto Zambrano, Ex.^o alcalde de Badajoz

BADAJOS

de Portugal y España compenetraciones que situarian à los dos pueblos en lugar proeminente dentro del concierto europeo, ofreciendoles ocasion de ser en el Mundo lo que en epoca remota fueron.



D. Sebastião Garcia Guerrero, Presidente da Diputacion Provincial de Badajoz, membro da Assembleia Nacional e advogado



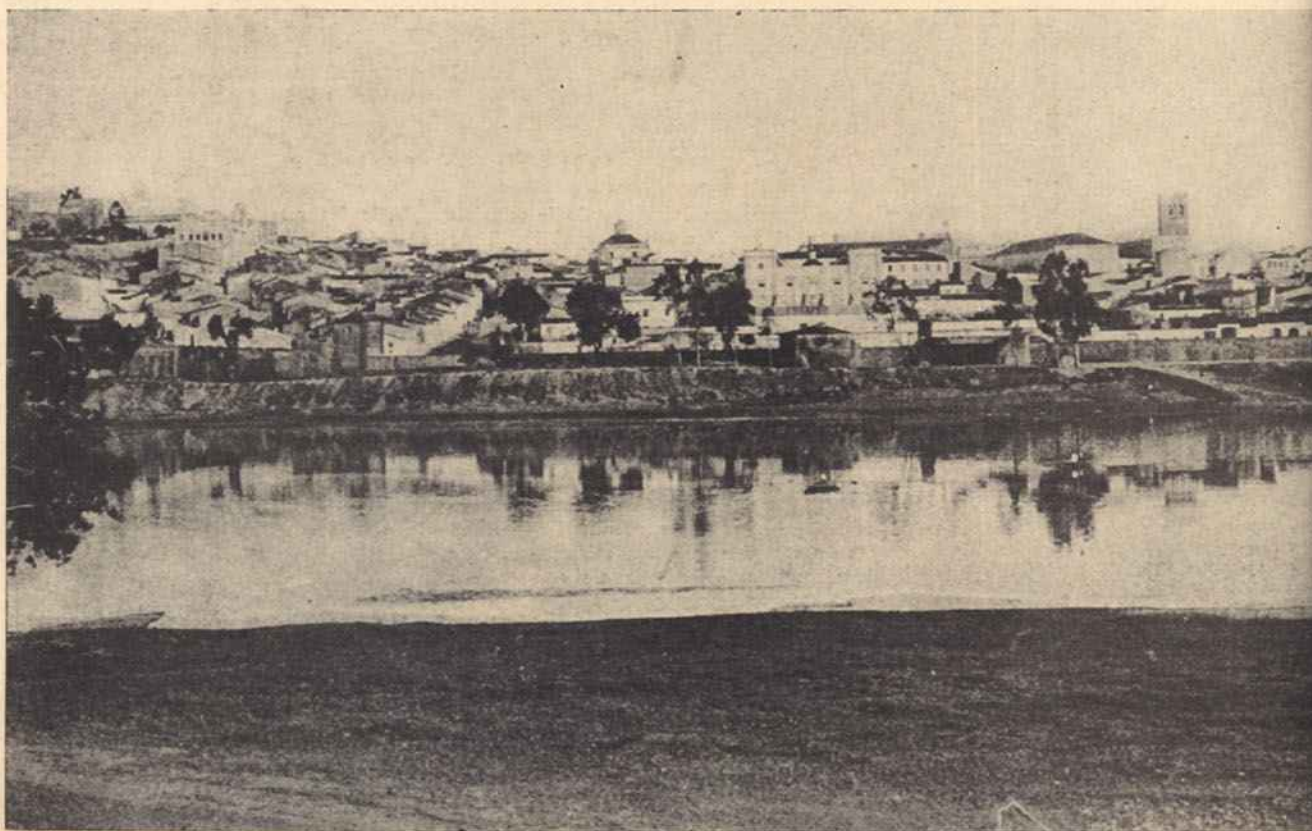
BADAJOS — O convento das «Adoratices»

Y à esta resultante de uniones y compenetraciones se llegaría sin más que Portugal conociera à España y España conociera à Portugal.

Si cada uno en su esfera de accion actuara en la forma que lo hacen D. João da Cunha de Eça y D. João de Sousa Fonseca que siempre encuentran ocasion propicia para

afirmar y expansionar las relaciones entre ambos países, seguramente la actual generacion de ambos pueblos pudiera ser la realizadora de esa unióon que nos daria una situacion de privilegio y ventajas ante el Mundo, librandonos de los egoísmos y rapacidades de los llamados grandes pueblos.

FREDERICO DONAIRE.



BADAJOS — Vista

BADAJOS



BADAJOS — Torre de Espantaperros

ESPASA Y PORTUGAL COMO DOS NOVIOS

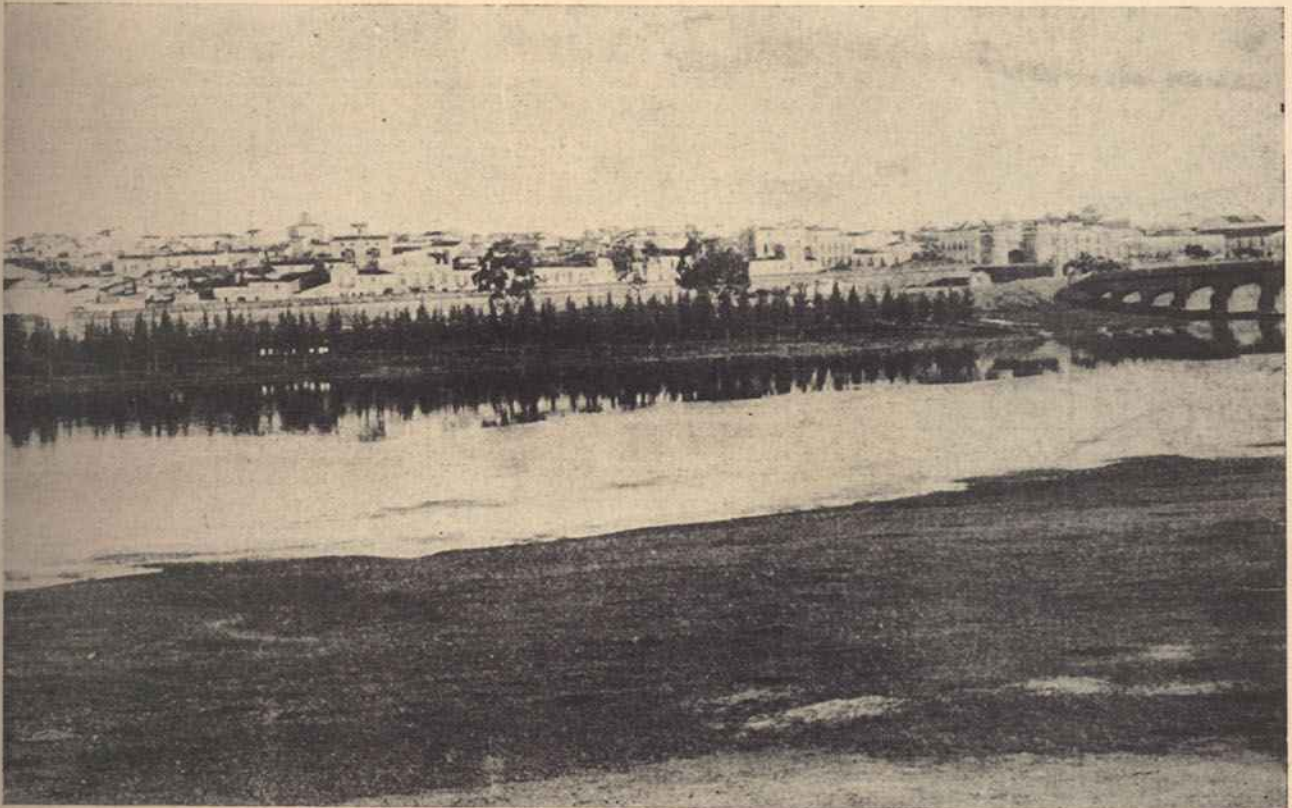
No ha podido llegar en momento mas propicio este amable recuerdo de *Ilustração*, que tanto agradezco, demandando unas lineas mias para este numero. No ha podido llegar en momento mas propicio, porque en esta

hora, con el recuerdo reciente de una de las mas bellas lecturas contemporaneas de Portugal, saboreaba como un dulce remanso para esta soledad campesina en que me he recluso, soledad preñada de melancolicas añoranzas y de saudosas recordaciones, todo cuanto se ha dicho recientemente en torno a la proyectada Exposicion del Li-

bro Portugués. Nada mas oportuno — repetamoslo — que esta ocasion que se nos presenta a los que sinceramente admiramos a Portugal para hacer publico este sentimiento de confraternidad que a la nacion hermana nos une. Por eso evocabamos al comenzar a trazar estas lineas las frases que recordaba uno de los mas destaca-



Frederico Abarrategui Pontes, advogado do Ilustre Colégio de Badajoz, secretário da Diputacion Provincial, Presidente da Associaçao de Prensa



geral da cidade

BADAJOS

dos valores de la juventud literaria española: Gimenez Caballero — dinámico, ágil, vibrante, a tono con el nerviosismo de nuestra época; el «Gecé» de los «Carteles literarios» enamorado de las perspectivas ciudadanas y del motor de explosión como temas de arte en un superfuturismo que ha de considerar a Marinetti como un rezagado; el «Gecé» preconizador de una aurora roja literaria pero no enemigo de dirigir una mirada retrospectiva para clavar el arpon de la mirada en cuanto el preterito tenga de belleza indisentible y aprovechable. Gimenez Caballero — perdonémosle el largo parentesis — evocaba en una reunión luso-española reciente, en la que estaba lo más distinguido de la intelectualidad de ambas naciones, las palabras de uno de nuestros más famosos escritores del pasado siglo y las subrayaba glosándolas pocos días después en uno de nuestros rotativos más alerta para percibir las últimas vibraciones mundiales en todos los ramos de la humana actividad.

Decía así Gimenez Caballero en «El Sol» — «Portugal y España como dos novios pero sin hablar nunca de casamiento».

No creemos que pueda expresarse con más propiedad cuales han de ser siempre los lazos que unan a ambas naciones. «Portugal y España como dos novios», es decir adentrado el espíritu de una en el espíritu de la otra sabiéndose amadas mutuamente viendo florecer junto a ellas en perpetua fraternidad todas las rosas cordiales de la mutua penetración, gemelas en el espíritu, en las aspiraciones, en el arte, como dos novios que oyeran por los siglos de los siglos sin envejecer jamás el madrigal y el epitalamio «sin hablar nunca de casamiento» sin pensar en el prosaísmo de llegar a la meta en el camino — ruta eterna, amable muelle, florecida por el amor — de la ilusión con el consiguiente pozo de amargo desengaño que es el obligado acompañante de toda ilusión lograda.

Afortunadamente para más completa práctica de este pensamiento han pasado ya de moda en las relaciones luso-españolas esas frases de hueco lirismo a las que tan dados hemos sido hasta ahora. Se ha hablado con una contumacia reprobable de estrechar lazos de hermandades raciales de confraternidad y de mil cosas más sin la preocupación de llevar a la práctica estos deseos que serían laudables de haberse pronunciado con la intención de hacerlos cristalizar en realidades. Cuando más dejaron tras sí una huella de refulgencias vacías de huecos sonoridades tan fugaces como la nube de magnesio de los banquetes en que solían pronunciarse.

Relegadas al rincón del olvido, arrinconados los tópicos con el desprestigio del «non usus sec abusus» España y Portugal rectificando derrotados para bien de ambas naciones se han decidido a hacer sin decirlo lo que antes dijeron sin hacer.

Ejemplos de todo esto? Ahí están la proyectada Exposición del Libro Portugues que se ha de celebrar muy pronto en ese «meridiano espiritual de ibero-america» que es Madrid, las continuas traducciones que en Portugal y en España se hacen de los más famosos ingenios de ambas naciones, el intercambio cultural agudizado de poco tiempo a esta parte. ¿A que más ejemplos que harían interminable esta relación?

Bien han hecho Portugal y España en rectificar aquel camino. Porque por cima de todas aquellas frases vacías se nos presentaba Cervantes como la representación del genio hispano así como Camoens lo es del portugues.

«España y Portugal como dos novios». Los lirismos huecos de otro tiempo eran como las cartas de amor de dos novios que ausentes en distancia quieren arropar en retórica de purpurina el convencimiento de su otra ausencia más dolorosa: la espiritual. Las realidades de hoy por el contrario traducen en hechos, en frutos de madurez, la pla-



BADAJOS — Catedral

tica íntima de dos enamorados. Así «España y Portugal como dos novios» hablando a través de esa reja espiritual de la frontera sin fronteras...

ANTONIO OTERO SECO.

Vocal del Consejo de Estudios Hispano-Portugueses

BADAJOS Y PORTUGAL

Es Badajoz, por situación topográfica, uno de los nexos, de los lazos de unión que más íntimamente ligan a las dos Naciones, España y Portugal, que unidas formaron en otros tiempos la Hispania Galaica y Lusitania y hoy la Península Ibérica.

Es como la mano del amigo, España, que estrecha, efusivo, la de otro amigo, Portugal, representada por la vecina Elvas, que por su análoga posición geográfica, es como Badajoz, el nexo, el lazo de los portugueses para con España.

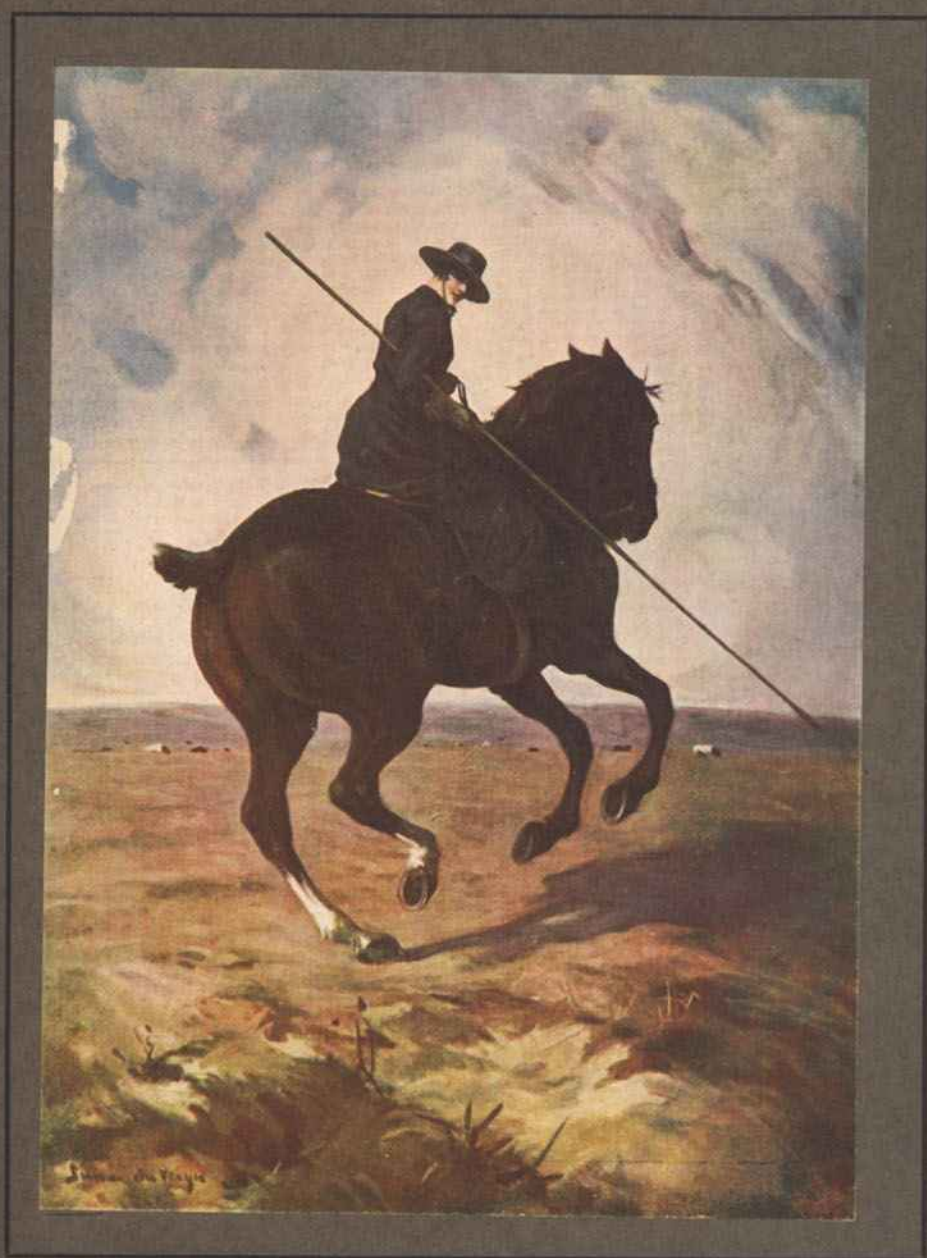
Hoy constituyen ambas Naciones Estados políticos distintos; pero en el concepto histórico y geográfico, España y Portugal son un todo único, los portugueses son españoles y viceversa. Celtas y celtíberos ambos en su origen, estuvieron por muchos siglos sometidos a las mismas influencias históricas y los mismos elementos contribuyeron a formar la raza genuinamente ibérica.

Badajoz fue el centro de la antigua Lusitania, una de cuyas capitales era Emerita Augusta, nuestra actual Mérida. España y Portugal fueron un tiempo una sola individualidad, un solo corazón, un solo cerebro. Ello engendró afectos, creó relaciones, que no ha podido borrar de modo absoluto, el incidente o accidente de la historia, separando ambas Naciones.

Un refrán español dice: «Donde hubo lumbre, ceniza queda».



BADAJOS — Entrada da cidade



SIMÃO DA VEIGA
— «Garrochista» —

BADAJOSZ



Adelardo Covarsé, grande pintor extremeño, 5.º e 2.º medalha em Madrid, medalha de bronze em Buenos Aires, de prata na ispano-francesa, Medalha de ouro em Panamá e Cruz de Cristo de Portugal

Tirso de Molina, llamado el Maestro, que residió bastante tiempo en Portugal, decia en una de sus producciones:

.....de la cepa
de los Reyes lusitanos
desciendo por línea recta.

Por eso, cuando nuestros vecinos de Portugal vienen a Badajoz, parece que el afecto, las manifestaciones de cariño, son mas expresivas que en otros puntos de nuestra nación, la confianza es mayor, las relaciones más intimas, el recibimiento al huésped más caluroso. Vienen a su propia casa.

La distancia a la frontera es escasa y la proximidad estrecha las amistades.

Así, Badajoz, en los días de sus fiestas, honrado con numerosos visitantes de Portugal, les abre sus brazos, los recibe como a hermanos.

Testigos de mayor excepcion son los dignísimos representantes de la Prensa portuguesa, que muy recientemente, honraron con su presencia el modesto edificio de la Prensa, donde con fraternal camaradería, alternaron con los periodistas pacenses, que guardan

gratisimo recuerdo de la atenta visita, siendo sus mas vehementes descos que esta se repita en ocasiones no lejanas, con motivo de todas



A. COVARSE — Velhos pescadores portugueses

las fiestas que haya en Badajoz, a las que nunca negó su contingente y muy numeroso por cierto, la Nación vecina.

Dificultades de orden oficial, parece que impidieron en fecha muy próxima pasada, la concurrencia de portugueses a Badajoz.

En nombre de Badajoz, interpretando los descos de la Prensa toda, y seguramente los de la población, yo ruego a la de Lisboa, que interponga sus buenos oficios cerca del Gobierno de su Nación, para que esa medida, desde luego justa y respetable, abra sucesivos paréntesis en su prohibicion, durante los días en que Badajoz en fiesta abra los brazos a los portugueses, autorizando la entrada temporal, transitoriamente, de los lusitanos en nuestra Capital, con lo cual se conseguirán objetos, que, de realizarse, motivarán elogios entusiastas y gratitud inmensa al Gobierno que hoy rige los destinos de Portugal; beneficio para nuestra Capital, relegado a segundo termino, al ser compensado por el honor de recibir a nuestros vecinos lusitanos y la satisfaccion de estrechar con ellos los lazos de afecto que nos unen desde tiempo inmemorial y el de fraternizar nuevamente los periodistas de Badajoz con sus compañeros portugueses.

En vosotros, heraldos de la pluma, defensores de toda causa justa, confiamos los compañeros de Badajoz y con nosotros la población entera, para que pidáis y obtengáis de vuestro Gobierno, autorizacion para que pacenses y portugueses puedan reanudar sus afectos libremente, por ocasion de sus fiestas, y nosotros los periodistas de Badajoz, refrendar en estrecho abrazo el afecto que a vosotros siempre nos unió.

Entretanto, periodistas de Portugal, yo os saludo.

FREDERICO ABARRATEGUI PONTES.

Abogado, Secretario de la Diputacion Provincial, Presidente de la Asociacion de la Prensa de Badajoz, etc.



A. COVARSE. — Lobo do Mar (Buarco)

LIVROS E ESCRITORES

Valha-nos S. Ambrósio e todos os mais santos e santas da corte celestial cuja bemaventurada não algum dia discorre sobre pergaminhos, no florecer e no castigo da linguagem!

A maioria dos nossos escritores de hoje, pelo menos os das novas camadas, ou estão nas condições de Oliveira Martins, de quem, aliás sem inteira justiça, se disse que era um estilo em busca de um assunto, ou então descaram quasi por completo o estilo, alguns derogando mesmo as mais elementares regras da construção da frase, nãnos de terem encontrado um assunto, que para eles é tudo.

Ora, meus bons amigos, nem tanto ao mar nem tanto à terra: a idéa é primacial, e indispensavel, para não cairmos em bizantinismos de escrita, sem alcance nem préstimo.

Mas lembremo-nos também de que sem a forma, sem uma sua exteriorização verbal adequada, aquela há de perigar, quanto à sua influencia sobre os espiritos.

Entre estes antipodas de estilo sem assunto e de assunto sem estilo, é que devíamos collocar a nossa tenda: aí sim que está o clima ideal para os pulmões das belas-lettras.

O último romance de Assis Esperança vein collocar-nos de novo em face deste problema da linguagem dos escritores novos, que raro trabalham com apuro. Assis Esperança peca por isso, e tanto mais o lamentamos quanto é certo que vemos nele uma forte organização de romancista. Qualquer dos seus romances publicados, sobretudo este último, é qualquer coisa que tem nervos, que tem garra. Mas o estilo compromete sempre essas positivas qualidades, impedindo-nos de saudar o autor tão abertamente como queríamos. Assis Esperança, que é romancista porque concebe os assuntos, os casos dignos de estudo, e os constrõe bem, quando os redige tropeça nas palavras, numa luta que é afflitiva e que não passa despercebida aos olhos do leitor.

Com que benévola expectativa, diremos mesmo ansiedade, abrimos este seu *Ressurgir*, de há semanas! Mas, a par do interesse do tema, que se inscreve num campo defeso aos espiritos ingénios, por retratar aberrações sexuais, aliás caminhando para um desfecho moral, de harmonia com os temperamentos normais, a descele-

grafia da prosa foi-nos ferindo progressivamente, a ponto de vermos aquele interesse pelo tema muito diminuído. Oxalá a primeira tiragem deste romance tenha sido esgotada, — para que Assis Esperança, reescrevendo-o primeiro, o imprima de novo. Se assim for, nada nos impedirá então de apreciarmos certos episódios do enredo que têm muita beleza conceptual, tais são, por exemplo, a visita de Helena,

Maria Isabel e Jorge à fábrica deste último e um diálogo sob a báttega do luar, que ele tem com a segunda das citadas figuras. A edição do *Ressurgir*, tratada artisticamente por Roberto Nobre, honra a Sociedade de Autores Contemporaneos.

O sr. Luís Schwallbach, distinto ornamento do nosso professorado, acaba de publicar mais dois volumes de fadole didáctica, mas que, a par da sua applicação escolar, bem podem ingressar em todas as estantes. *Geografia* é o título da nova obra, e sabido como, quer sob o ponto de vista politico quer do fisico, a constituição do globo amide se altera, ninguém deve estar convencido de que já não precisa de tais lições, por lhe bastarem as que recebeu sobre a matéria na sua idade menieira. De facto, quanta novidade vamos encontrar neste texto, organizado por quem mantém os seus conhecimentos geográficos sempre em dia e, para mais, possui um superior dom de ensinar. Concisão, clareza, método, eis as três virtudes que caracterizam este valioso trabalho, que se apresenta, como dissemos, sectionado em dois tomos, tratando o primeiro da Europa, Asia, Australasia, Africa e Américas, e sendo o segundo reservado a Portugal, suas colónias, Brasil e Regiões Polares. Um grande número de mapas e gravuras de excelente nitidez completam a intelligência do texto.

De estetica e filosofia se tem occupado já muitas vezes o illustre escritor madeirense sr. J. Reis Gomes, e o seu último trabalho, aqui presente, não sai dessas fronteiras.

Intitula-se elle *O Belo Natural e Artístico*, constituindo um ensaio muito bem pensado e muito bem escrito sobre um problema que desde Platão vem interessando as grandes intelligências.

Sete são os capitulos que, após uma série de considerações gerais, estabelecem a questão de se saber se o artista se deve limitar a copiar e a imitar a Natureza, ou se o seu papel é mais lato, indo até à interpretação dos fenómenos daquelle.

Contra o parecer de Mantegazza e outros autores que concordaram com o célebre esteta italiano, o sr. J. Reis Gomes pronuncia-se abertamente pela segunda solução, assim elevando a função do artista.

Os livros de recordações escolares, maiormente quando se trata de estudos universitários feitos em Coimbra, encontram sempre largo publico.

É que das suas páginas brota sempre um clarão de alegria, e como o geral da vida o que nos inspira é tristeza, nunca deixamos de bendizer tudo o que nos distrai dos seus pesares. Fácil é, pois, vaticinar uma boa saída ao recente volume a que o sr. dr. Tomaz de Noronha deu o titulo expressivo *De capa e batina* e que congrega anedotas, ditos e partidas de estudantes, nos anos em que o autor andou pela famosa cidade do Mondego na conquista do grau. A maior parte desses ditos e partidas é attribuida ao Pad-Zé, figura de boémio que deixou duradoura fama e que anos depois, já formado, veio a suicidar-se. Todas nobres, todas de excelente graça, essas partidas?

Não. Muitas são daquellas que, praticadas no impeto da mocidade, que raro se dá à reflexão, mais tarde se occultam, por já então nos apparecerem com a sua verdadeira cor, que, escusado é dizer, não é muito de cativar. Acha-mos, pois, que o melhor seria guardar sobre

essas absoluto silêncio. Mas ontrás há ali que têm elegância, talento, bom-humor do melhor quilate, e são estas últimas as que valorizam o livro, onde amide perpassam, com a do autor, figuras que hoje têm um nome brilhante nas letras e nontras altas esferas da actividade social, como Afonso Lopes Vieira, Fausto Guedes Teixeira, Vicente Arroso, Augusto Gil, Al-poin e outros. Linguagem correnteia, agradável



J. Reis Gomes

Depois de andar, anos a fio, empenhado na divulgação das letras portuguezas e brasileiras, o sr. Nano Catarino Cardoso encetou agora um obra similar quanto ás belezas do solo pátria paisagens, monumentos, collecções de arte, etc. começando por Sintra, estância de repouso estival que a ninguém é licito desconhecer, mas que muitos só conhecem imperfeitamente. A estes se destina o novo livrinho do autor a que nos referimos, este *Guia Ilustrado de Sintra e arredores*, que, não tendo nada de particular na sua contextura, está ao nível das outras publicações do género e de igual desenvolvimento que têm apparecido entre nós.

É dizendo-se que alcança o seu objectivo de guiar quem visite os artisticos palácios e as formosas quintas sintrenses, está tudo dito ex-abono do autor e da modesta obra.

Barcelos, a linda vila minhota que foi sede do primeiro condado de Portugal, teve agora a satisfação de se ver posta em realce, a nobreza dos seus pergaminhos históricos, na graça dos seus panoramas e no valor dos seus monumentos e mais galas artisticas, através duma espléndida monographia com o seu proprio nome por titulo, monographia organizada, com cuidados modelares, pelos srs. J. Marcelos Sampaio e Augusto Soucassaux. Não se trata de um guia local para o viajero, com meia dúzia de estampas e outra meia dúzia de indicações practicas. É muito mais amplo o âmbito do volume e mais alto o seu significado. Não colle-se, se bem que em resenha, a historia completa de Barcelos, em qualquer dos seus aspectos. Iniciações desta índole, levadas demais a mais a cabo com tanta intelligência, merecem abertamente o nosso applauso.

De assunto ainda há bem pouco no primeiro plano das preocupações nacionaes se occupa o opúsculo *A Questão da Beira vista da Beira*, firmado pelo sr. António Lopes. O autor que em obras futuras e de maior fôlego, nos promete versar os maiores problemas coloniaes vem aqui depor, como testemunha de vista, o célebre processo da concessão das obras de porto da Beira a uma companhia estrangeira, sendo o seu depoimento discorde do cariz de escândalo e de crime de lesa-pátria que é dado, como se sabe, à referida concessão.



Luís Schwallbach

gância da prosa foi-nos ferindo progressivamente, a ponto de vermos aquele interesse pelo tema muito diminuído. Oxalá a primeira tiragem deste romance tenha sido esgotada, — para que Assis Esperança, reescrevendo-o primeiro, o imprima de novo. Se assim for, nada nos impedirá então de apreciarmos certos episódios do enredo que têm muita beleza conceptual, tais são, por exemplo, a visita de Helena,

No CONCURSO LITERÁRIO aberto pela ILUSTRAÇÃO entre os Romancistas e Novelistas Portuguezes e cujas condições definitivas vieram publicadas no nosso n.º 57, inscreveram-se agora mais duas obras: a novela intitulado *No País dos Gregórios*, do sr. Gregório Cascalheira, e o livro *Saudades do Mar*, do sr. Pires de Matos.

FIGURAS DO MOMENTO



O AVIADOR FRONVAL

O grande acrobata dos ares, vencedor de todos os certames de «virtuosidade» aérea, condecido em Portugal pelas suas proezas e amigo dos nossos aviadores, acaba de sofrer um desastre terrível que lhe deu a morte, carbonizado entre os restos do aparelho que reproduzimos, após a queda, junto com o retrato do ilustre aviador.

(Foto H. Manuel)



STULTZ E GORDON

O piloto e o mecânico do «Friendship» à sua chegada a Paris após a grande proeza aérea cometida, a travessia aérea do Atlântico Norte. — (Foto H. Manuel).



O MONGE RASPUTINE

O perverso e sanguinário mentor do último czar da Rússia, figura estranha, pogo de vícios e alcimado fanático que talvez tenha sido a causa maior da catástrofe que subverteu a Rússia antiga, foi um dia, aí por 1917, assassinado pelo príncipe Iossupoff que, num recente livro, conta a sua proeza, justificando-a com a necessidade de livrar a família imperial e a própria Rússia desse sinistro homem, monstro de depravação e de maldade, «o mais terrível inimigo dos seus amigos». O livro de Iossupoff põe novamente em foco esta espantosa figura que pertence já à história moderna. Dêste livro se pode tirar opinião pouco favorável aos seus autores que mataram com requintes de ferocidade, mas, ao mesmo tempo, pelo relato que nêle fazem, fica-se na dúvida de que Rasputine fôsse um homem e não uma fera repelente.



MRS. HOOVER

CANDIDATO à presidência da república federal norte-americana e que, representando os puritanos daquele país, tem por programa a manutenção feroz da «lei-seca».

(Foto H. Manuel).



MARIA RASPUTINE

FILHA do trágico monge Rasputine e que acaba de processar, ante os tribunais franceses e por homicídio alveivoso, o príncipe Iossupoff, assassino de seu pai.



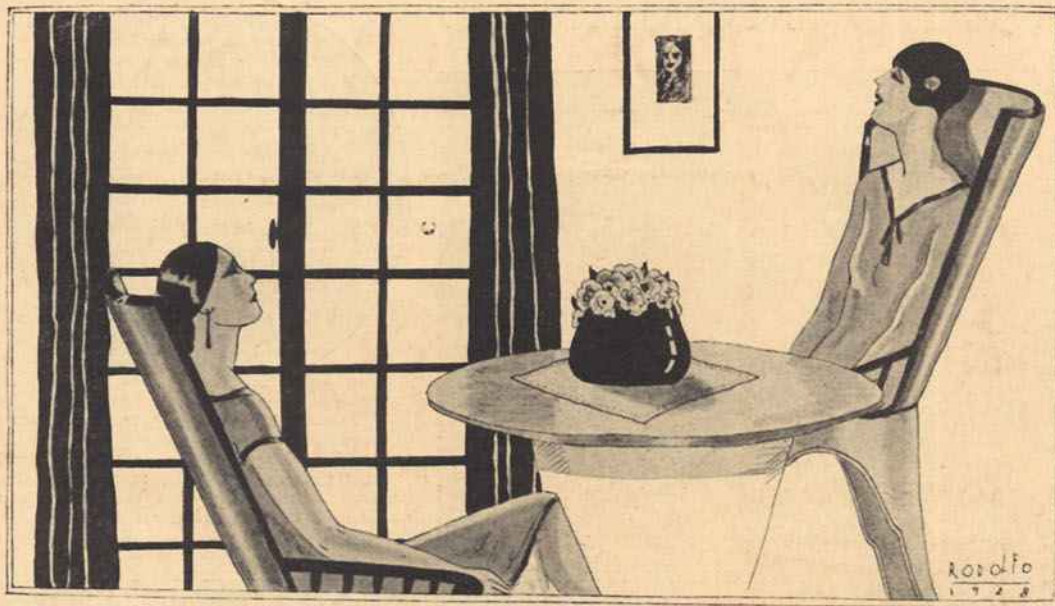
NATIVIDAD ZARO

EMINENTE declamadora espanhola que em breve nos visitará.



EVA STACHINO

DELICIOSA vedeta mexicana que é um dos ídolos do público lisboeta e que, dissidente do Salão Foz, acaba de reaparecer no Variedades com o êxito que merece.



ROMANTISMO

por Fernando de Tamplona

Sala escura, a que uma pesada mobília Renascença empresta ainda mais escuridão. As portas, as janelas, as paredes vestem ricos trajes de damasco, de tons sombrios, mui sombrios, como que a evocar antigos lutos... Leonor — 27 anos, pálida, olhos negros e tristes, feitos para habitar aquela sala — medita. Entra Maria, idade incerta, olhos parados, incaracterísticos, de uma cor nevoenta, a que se não pode chamar cor... Não pensa, nunca pensou, — mas sabe ensinar a catequese e remoer ladainhas em latim.

LEONOR (*voltando-se*) — Boa noite.

MARIA (*tirando o chapéu*) — Boa noite?! Mas é dia claro! Não deram ainda cinco horas...

LEONOR (*com um sorriso triste*) — Esta sala não conhece o dia! O sol nunca a visitou, nem mesmo para deixar cartões... E a noite vive aqui, fechada à chave. É triste, como eu, e é muito minha amiga! Duas irmãs não se querem mais...

MARIA (*compondo um escapulário vermelho e rêxo*) — Conheci uma rapariga parecidíssima contigo. Metia-se no quarto meses seguidos, a magiar... Morreu doida, coitada! E o Luís?...

LEONOR (*distraída*) — O Luís, apesar de leviano, tem um grande coração. As vezes, quer divertir-me, levar-me aos teatros, aos cinemas... Mas eu recuso. Isso seria tirá-lo a liberdade, que é a vida para ele!

MARIA (*com interesse*) — E vai sempre à missa, agora, o teu marido?

LEONOR (*olhando o vago*) — As vezes...

MARIA (*mui sizada*) — Fiz, há tempo, uma promessa a S. Crispim — que é um grande santo! — para ele voltar ao bom caminho...

LEONOR (*interrompendo*) — Ele, quem?! O S. Crispim ou o Luís?...

MARIA (*continuando*) — O Luís, já se vê! Prometi uma vela de cera do meu tamanho... se não for cara de mais! Tenho fé, Leonor: ainda há de um dia ser feliz!

LEONOR (*abstrata*) — Mas eu sou feliz, muito feliz... Esta sala, vê? é um santuário erguido ao culto dele. Cada movel, cada livro, cada estatuetta guarda em si uma lembrança. As próprias coisas quasi falam — para o recordar... E pressinto-o, adivinho-o em tudo, em tudo, — até nas sombras... Dir-se-ia que esta sala é uma galeria imensa de retratos dele, invisíveis talvez, mas vivos, palpitantes... E suas vontades, seus desejos, são para mim um evangelho...

MARIA (*interrompendo, muito séria*) — Eu prefiro o de S. Lucas! Nem se compara...

LEONOR (*semi-cerrando os olhos, sonhadora*) — Já não conto para ele, bem sei! O Luís é uma creança e gosta muito de brincadeiras... Vai buscar, junto de outras, os bombons exquisitos do prazer... E, ao beijar os lábios delas, julga ver céus de maravilha, onde apenas há mealheiros esfaimados, que devoram notas, muitas notas... Mas, às vezes, acredita, chego a rejubilar com as conquistas do Luís, como se também me

perencessem... Porque o amor é dar tudo, nada esperar, — é abrir-lhe, a ele, as portas de nós mesmas... e ir viver para a rua! erê, Maria, sou feliz, aqui, na minha sala. O sacrificio é para mim uma alegria. quasi me esqueço de que vivo... porque amar!

MARIA (*lacrimante*) — Ah! Leonor! Até parece a Beata Margarida! Vou cumprir a promessa: dou duas velas do mesmo tamanho a S. Crispim — que é um grande santo! — se ele me ouvir... Talvez que sim...

Luís (*Marido de Leonor, 30 anos, ruivo, entrando*) — Bravo! Duas velas! Um santo — que é enorme! — vai tentar-se, o certo!...

Quarenta anos depois. A mesma sala, mesma mobília, os mesmos tapetes, as mesmas cortinas. Leonor, corcovada, cabelo branco, óculos. Luís, cara ossuda, calvo, a bado.

Luís (*recordando*) — Fazemos hoje e coenta anos de casados. São as nossas bodas de ouro!

LEONOR (*recordando*) — E amei-te bem mais, Luís, do que amei o meu amor!

Luís (*estendendo a orelha*) — Hei lá hein?... Não percebi...

LEONOR (*sorrindo*) — É que me fazes tu já não teres amantes...



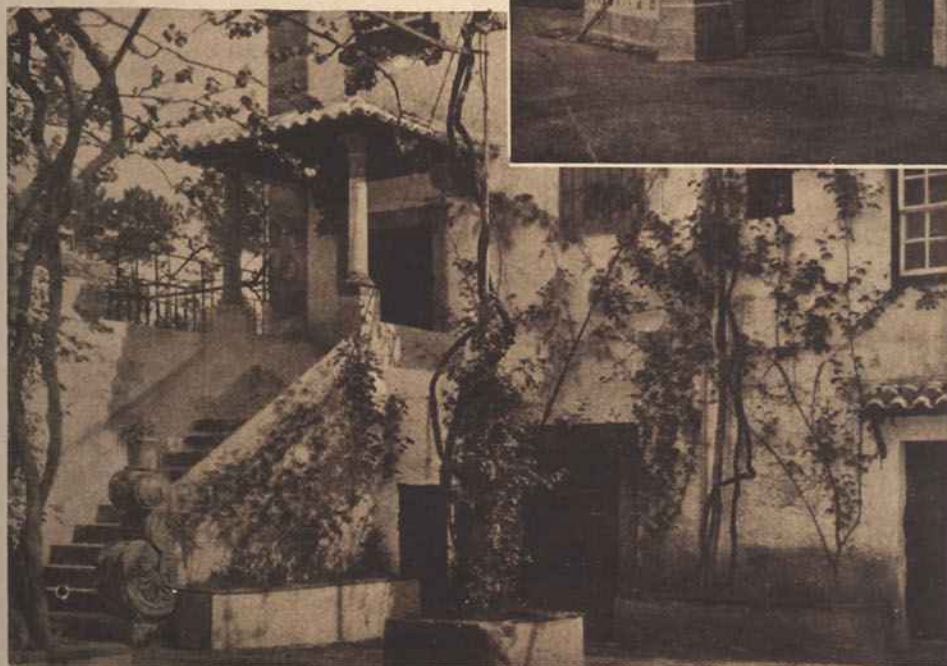
A CASA PORTUGUESA



VILA DAS MARIAS
MAZAGÃO — BRAGA

PROPRIEDADE

DO SR. VICTOR DE LIMA BRANDÃO



UMA BELA ESTILIZAÇÃO DO RÚSTICO MI-NHOTO. AS PROPORÇÕES SÃO BOAS E O FORMENOR TEM O CARÁCTER PITORESCO QUE DENOTA SENTIMENTO DAS COISAS REGIONAIS. INTERESSANTE É O MODO COMO A ESCADA EXTERIOR SE ABRIGA NO CORPO DA TÔRRE

Arquitecto: José Vilça

CONGRESSO LITURGICO DE BRAGA

— E —

PEREGRINAÇÃO AO SAMEIRO



Os doentes esperando a bênção

bramento animico das proci-
sões, causaram a redenção de
todos os visitantes. O povo es-
cutou religiosamente todas as
palavras que brotaram dos lá-
bios dos oradores sacros. As
sessões que se realizaram no
Grémio Recreativo, no Semi-
nário e no Teatro-Circo, fo-
ram, inalteravelmente, escuta-
das pela adoração de milhares
de fiéis.

Nas sessões de estudo, tá-
das as teses apresentadas fo-
laram com os deveres dos cris-
tãos. Cada trabalho, cada tese,
teve a atenção espiritual da
assembleia. É impossível, con-
tudo, sobrepor um nome aos
outros. Padres, cônegos e bis-
pos, todos, enfim, desencanta-
ram e delimitaram caracteris-

EM BAIXO: — A missa can-
pal, no Sameiro, celebrada
pelo sr. Arcebispo de Milhe-
ne. NO MEDALHÃO: O rev.
Bispo condutor da Guarda,
D. João de Oliveira Matos,
orando



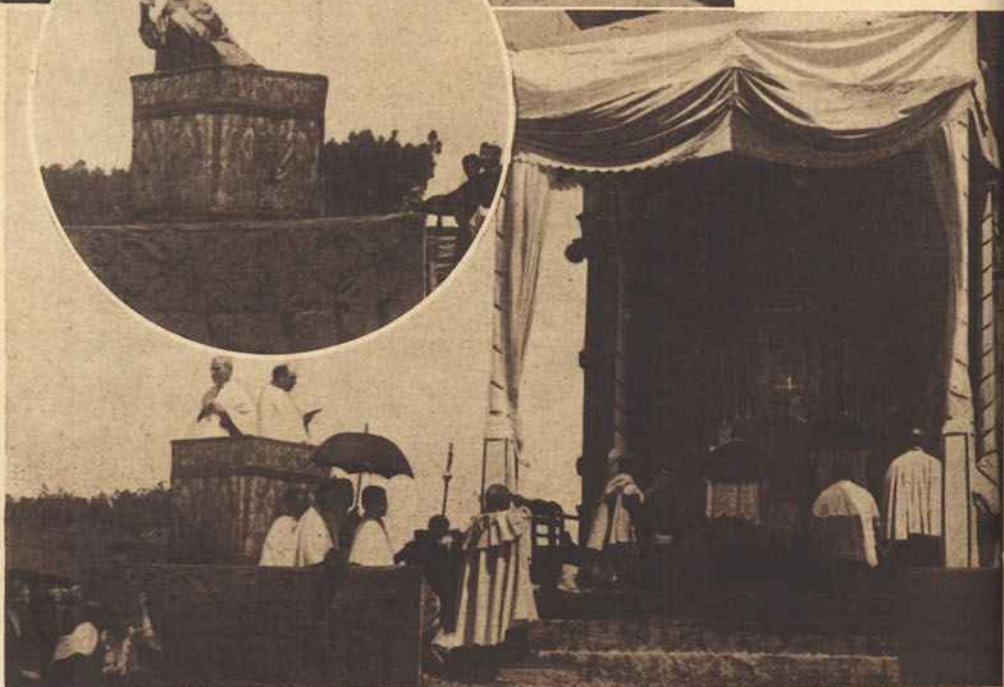
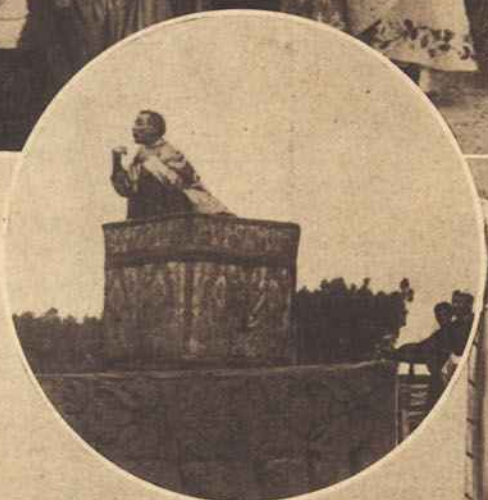
Sua Rev.ª o sr. Arcebispo de Braga
lançando a bênção aos enfermos

Braga é a cidade das orações
de Portugal. Foi esta velhinha
«Bracara Augusta» que ensinou
o nosso povo a trazer nos lábios
uma oração e o brilho dum mi-
lagre nos olhos. As suas ruas
antigas, escondidas em sombras,
em tradições, relembram o nosso
passado escrito com ladainhas e
préces.

O Congresso Nacional Litúr-
gico, que uniu, juntou, todos os
bracarenses, chamou igualmente
todos os crantes de Portugal.
Braga, no dia vizinho da inau-
guração dessa apoteose ao rito
cristão, principiou a receber sa-
cerdotes das freguesias mais dis-
tantes, e forasteiros católicos das
aldeias mais esquecidas.

Melade dos habitantes das
nossas cidades e povoações, que
se descobrem pelas Trindades,
chegaram até Braga para se
aproximarem do céu. O Con-
gresso Nacional de Liturgia, con-
gresso de devotos, conseguiu, no
seu grande aspecto, atrair todos
os olhos até ao céu. Atrai-los
para muito alto.

O calor, o entusiasmo, de
alguns oradores, e o deslum-





se levantaram para abençoar.

As missas e as vespers que se rezaram na Sé, nessa casa de Deus, nessa casa de todos, foram penitências voluntárias. Foram penitências benditas. Afocelaram os joelhos e ov

A ESQUERDA: — A procissão a Nossa Senhora do Sameiro

NO OVAL: — Suas Ex.ªs Reverendíssimas, os prelados que tomaram parte no Congresso Litúrgico

litas e ordens litúrgicas. Refiro-me, porém, como excepção, ao cônego Pereira dos Reis. Este orador, surpreendeu pelo desassombro. O seu discurso foi, primeiro que tudo, uma sentença. Foi, pelo menos, aquêle que arrabato todos os justos e condenou os pecadores emboçados nas aparências mentirosas...

A multidão, o mundo de fiéis, que veio assistir a este Congresso, recebeu na alma os estudos dos sacerdotes. As almas dos milhares de crentes que ouviram as sacras dissertações, não se esquecerão, por conseguinte, das palavras dos mestres da Igreja. Guardaram no sacrário da alma, nesse sacrário de virtudes, o reflexo das lutas rituais. Dessas lutas e caminhadas litúrgicas que espalhoram sobre o país e sobre quasi todo o mundo, o encantamento dos instantes em que as pejeas terraqueas foram anes testadas por contemplanções cristãs.

Todos os crentes e fiéis que entraram em Braga, para que o Congresso Nacional Litúrgico parecesse e fosse a comunhão dos corpos com a alma, encerraram os corpos em vestidos e fatos negros. Todos os corpos, escondidos em chalets pretos, numa indumentária da cor da noite, esperavam pela aurora da alma. Esta aurora despontou ante todos os olhos, nos momentos em que nas tribunas, nos altares e nas redentoras procissões, os braços



EM BAIXO: — Aspecto da procissão ao dando a volta ao Santuário



As «filhas de Maria» durante a missa campal no Sameiro

corações. Mas, ao levantarem-se, os corações continuavam em prece. Todos os rostos apareciam iluminados de bondade.

Falou-se numa linguagem santa, verdadeira. A distância entre ouvintes e oradores foi, por isso, anulada. No momento final, quando do alto do Sameiro foi lançada a bênção sobre os doentes e sobre uma vasta multidão de crentes, esse gesto foi recebido por todos em silêncio, em contrição. Os lábios, cerrados, mudos, rezavam. E todos os olhos, confundidos na mesma penitência, guardavam a bênção que lhes caía sobre as cabeças e, na sua amplitude, parecia abençoar Braga e toda a nossa terra.

GUIDES DE AMORIM.

ARTE MODERNA EM ESPANHA

ALGUMAS NOTAS Á MARGEM DA EXPOSIÇÃO DA PINTORA

MARUJA MALLO



Ortega y Gasset, filósofo de esclarecido entendimento e vigoroso timoneiro dos movimentos artísticos e literários espanhóis, a cuja sombra generosa nem sempre se acolhem as mais claras intenções, abriu as portas da sua autorizada *Revista de Occidente* a uma pintora jovem, desconhecida, sem crónica nas *capelas* cidadinas: Maruja Mallo. E em boa hora o fez. Ao gesto honrado do mestre, correspondeu a artista com a lealdade do seu talento poderoso, reflectido num simpático conjunto de obras depuradas de todos aquêles falsos elementos que perseguem, com afiliva tenacidade, a imposição de normas turvas e que já hoje redundam, aos olhos avisados, num espectáculo grotesco de impotência criadora e ausência de fibra pessoal. A artista rompeu honestamente através da forte barreira dos consagrados — consagrações sempre justas, em Espanha, quando de pintura se trata — e enfileirou, como uma consagrada mais, entre a moderna pintura espanhola, marcando um posto definido e inconfundível.

peca de imprecisão e desnecessário será, por gosto ou mania, contrariar manias ou gostos classificadores. Se, pelo contrário, tende a englobar as virtudes expressivas duma época, não uma determinação de data em relação à época mas a fisionomia artística dessa mesma época, torna-se conveniente bani-la para evitar confusões de conceitos e melhor permitir a especificação de valores.

A crítica de hoje, na sua generalidade, persegue transformar em apelativo aquilo que não deve passar duma indicação, isto é, encurralar sob um recinto vedado um grupo de indivíduos da mesma espécie e classe com uma percepção uniforme de estilo ou gráfico comum a todos os temperamentos. O propósito é insensato e ilógico.

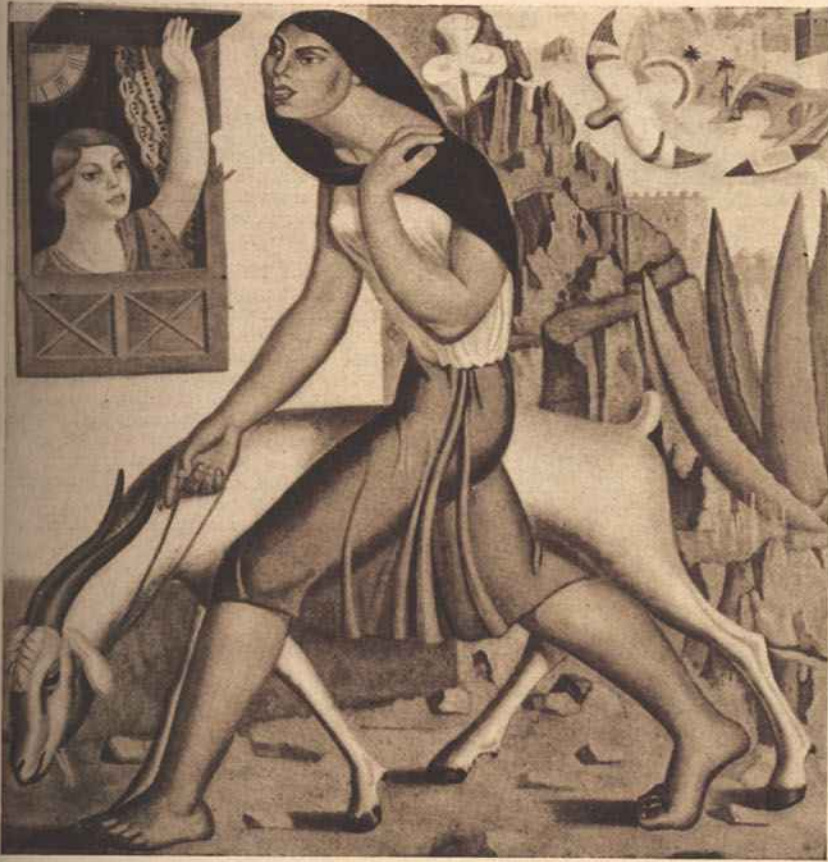
«A linguagem — observa Pio Baroja — não é um invólucro exterior do pensamento; é parte do pensamento, embora não todo o pensamento... embora a parte do pensamento que não pode brotar com a linguagem. Glo-sando a frase justa do grande escritor espanhol, bem merecedor de ser mais conhecido em Portugal do que o que é, poderíamos afirmar que se o estilo — expressão gráfica de parte do mundo psíquico do indivíduo — fôsse só «uno», tínhamos que admitir uma uniformidade de funções anímicas e inte-

lectuais entre os indivíduos, que não existe. E o absurdo seria tão monstruoso que iria dar à «arte moderna» uma aceção puramente geométrica — supressão do espírito por enfezamento e morte.

Negar estilo a uma época? Não. A época tem o seu estilo formado por um conjunto de estilos individuais, cada um com a sua tendência temperamental determinada e intimamente ligados por uma fisionomia própria e um dinamismo peculiar. Mas não é preceito que se imponha ou princípio que se

Vem aqui a propósito prestar ouvidos à expressão «arte moderna». Se ela pretende ter um sentido meramente cronológico, não





historiadores espanhóis do movimento na Península — incompreendidos, em justiça se diga, pelos aludidos artistas modernos — esqueçam nas suas gazetas oficiais a nossa superior situação em nível e antiguidade.

Matuja Mallo, artista de extraordinária sensibilidade, afirmou-se hoje como um caso evidente de espanholismo dentro da pintura moderna; de espanholismo no significado universalista do termo espanholismo. De raça, enfim. Há uma preocupação juvenil de espanholismo por razão de tema. Mas, sobre o tema espanhol, que pouco marca, há uma visão espanhola, que marca muito. Dá-se nesta revista uma reprodução dos seus quadros «verbeneros»: o «carroussel», os balouços, os corruptos, o «coche de pinto», a «barquillera», bandeirinhas, militares, criadas de servir e castizos, todo esse deslumbrante conjunto de movimento e luz duma «verbena» popular, que é a manifestação mais instintiva do sentimento colorista e da alegria espalhafatosa do povo madrileno. Maruja Mallo não se limitou a colecionar tipos e motivos. Deu-lhes a cor, a vida, o espírito de toda a sua raça.

Tem, além disso, a sua arte uma expressão actual; a pintura caminha com a época. Está conscientemente dentro da época.

Maravilhoso de harmonia e de ritmo pictórico, é o quadro que representa uma mulher a conduzir uma cabra. Primitivismo, sinceridade, tintas remotas de evocação bíblica, tudo visto e pintado hoje, é a impressão que nos dá esta obra.

«Ser moderno é como ser elegante; é uma maneira de ser e não uma forma de vestir» — observação certa de um grande artista moderno, o português Almada. Ela pode-se aplicar a Maruja Mallo, artista acentuada e racionamente moderna por «maneira de ser».

Esta exposição constitui uma lição viril duma franquina «muchachita» de vinte anos para alguns dos seus compatriotas que, por obra e graça de reconditos mistérios, se arvoram em directores e mentores de movimentos modernistas por «forma de vestir».

Madrid, Julho de 1928.

NOVAIS TELXEIRA.

proclame. É a vida que o imprime. Para um homem que não vive nos seus dias — olhos abertos às emoções do seu tempo — está vedada a interpretação do fundo humano, em puro sentido artístico da palavra humano, da vida que vive. O artista deve viver precisamente nos seus dias; nem um dia antes, nem um dia depois. Que diríamos hoje dum escritor que burilasse a frase como um João de Barros ou um Frei Luís de Sousa? Dum pintor que pretendesse realizar arte com a visão dos nossos primitivos? Dum aventureiro que tentasse ofuscar a façanha de Lindberg, atravessando o Atlântico numa das nossas caravelas seiscentistas? E, enquanto às investigações do Polo, patentes estão os resultados. Precisamente dos seus dias — eis a virtude.

Arte de hoje? Arte de ontem? Arte de sempre. Arte que está? Arte que passou? Arte que fica. A expressão arte só pode acompanhar a última designação. Velasquez, Rafael, o Greco, Goya — arte de ontem? Arte, simplesmente arte, com a substância eterna que a palavra arte encarna em si. Sobrepor-lhe adjectivos, é cair em redundâncias inúteis.

çaram a assimilar as doutrinas de Marinetti e os traços de Picasso — a origem espanhola de Picasso não tem a menor relação com a tendência que lhe deu fama — já os nossos artistas se tinham «desembarçado» de caprichos juvenis, tomando, dentro da forte tendência que a época impunha, uma consciente posição nacional, que deu à nossa arte de hoje os seus indiscutíveis progressos e serena ponderação.

Portugal, neste sentido, leva à Espanha uma dianteira de oito anos em tempo e de alguns mais em compreensão. Há uma «arte moderna» portuguesa; em Espanha há alguns artistas modernos de indubitável apreço, mas «arte moderna», como expressão colectiva, ainda não há. É lamentável que os



Mas transijamos com a classificação cronológica do actual movimento artístico e reservemos para Portugal, em nome da justiça, a prioridade, na Península, daquilo a que se deu em chamar «arte moderna». Em Espanha só de 1919 a 20 aparecem os primeiros sintomas. O movimento estalou em Portugal com as inevitáveis arbitrariedades e justificadas confusões de «regime que se inaugura» em 1911. Quando os espanhóis come-

ENRIQUE MOLINA

DIPLOMATA E LITERATO CUBANO

Todos aquêles que, por exigência social, vivem nos meios mundanos, já, por certo, terão tido ocasião de apreciar, convenientemente, a lhanza de carácter e a elegância de espírito de D. Enrique Molina. E eu, que pouco os frequento, por falta de tempo e feição, acostumei-me a considerá-lo uma pessoa dotada de qualidades superiores e de atributos sem par, como diplomata eminente, que é, e ainda como literato ilustre.

Nas altas funções de Encarregado de Negócios de Cuba, D. Enrique Molina tem evidenciado a sua finlita inteligência, pondo à prova o seu arguto tacto diplomático no estreitamento de relações, que se impõe cada vez mais, para vantagens evidentes e immediatas, de parte a parte, entre Portugal e essa florescente República americana.

É, ainda agora, em face do Congresso da Imprensa Latina, em Habana, a capital cubana, a sua poderosa acção se fez sentir, largamente, no sentido de que o nosso país tivesse na importante assembleia de jornalistas internacionais, uma representação conveniente e condigna.

O seu labor redactorial foi exercido por um período superior a uma década, havendo figurado o seu nome nos principais diários habanezes. Entre outros factos, posso citar o de ter chefiado a redacção de «La Noche» e de «La Lucha», e fundado e dirigido o semanário satírico «La Chispa» e o quotidiano «El Nacional». E actualmente? A sua colaboração de hoje anda exparsa por diversos periódicos e por variadas revistas literárias, pertencendo à Sociedade dos Repórteres de Habana, cuja organização orientou. Foi, nesta qualidade, que, no Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, realizou, há ano e meio, na tarde de 25 de Novembro de 1926, uma notável conferência sob o tema: «Divulgações jornalísticas de Justo de Lara». O trabalho apresentado, e merecidamente aplaudido com palavras encomiásticas foi, semanas depois, traduzido por mim, a pedido do próprio conferencista, que, desta forma, invocava a nossa amizade, transmutada, do meu lado, numa verdadeira admiração. Em folheto, editado pelo autor, saiu a minha tradução, modestíssima, sem dúvida, como não podia deixar de ser, a qual não chegou a entrar no mercado, não chegou a ser um reclamado «vient de paraitre», mas apenas destinada a ofertas particulares. Este folheto, devia aparecer nas livrarias, para conhecimento de todo o público leitor, porque o nome do autor se impõe a uma consideração geral e, ainda, porque o trabalho versa traços biográficos duma importante figura cubana, que se elevou, individualmente, a grande altura, mercê dum aturado esforço e duma forte tenacidade, figura a que D. Enrique Molina não se cansou de dedicar expressões de ternura e de apreço, exaltando a obra literária e jornalística do homem que se formara em advocacia, mas trocara, por vocação inata, a toga de juiz pela pena de julgador. E seja-me permitido transcrever, para aqui, os períodos finais da conferência — os períodos que lembram a morte de Justo de Lara, ou, antes, de D. José de Armas y Cardena, que este foi o seu nome civil.

«Permaneceu afastado de toda a gente. Só ia visitar, de tarde, a casa onde nós, jornalistas, tínhamos estabelecido a nossa sede provisória. E para ele fôra este o único cantinho de amor no meio das suas desditas. Todos nós, ao vê-lo, o achamos extrema-

mente envelhecido. O seu espírito, cheio de tristeza, abatia-se cada vez mais. E aquêle coração, destinado a amar e a sentir e que muito se havia viciado nos escritos, rendeu-se na madrugada de 28 de Setembro, deixando de pulsar para sempre, após um profundo gemido, o que indicava que a luz vivíssima do seu cérebro, radiante como um facho, se apagava, totalmente, por entre os lamentos maternos, os de muitos camaradas que viam desaparecer um ser amado e os da pátria que presenciava a morte dum dos seus preclaros filhos».

Mas uma das melhores páginas da conferência é a que recorta a feição, como crítico de história de arte, do temperamento de Justo de Lara, que revela alta cultura no estudo dos quadros de Leonardo da Vinci, pertencentes às preciosas galerias do Museu do Prado, de Madrid. «Amava a arte pela arte, e esta, quer fôsse expressa pela palavra,

quer pela côr, vibrava na sua alma e fazia vibrar as cordas mais íntimas do sentimento, com singular intensidade».

D. Enrique Molina, homenageando Justo de Lara, homenageou a sua Pátria.

No activo literário tem inscritos os volumes: «Las aventuras de un bandolero sentimental» e «Memorias de un reporter». E em preparação: «La vida boemia de un periodista» e, ainda, «El Arte y Diplomacia».

E a vida de D. Enrique Molina é bem uma vida de arte e de diplomacia. Grande amigo de Portugal, e meu particular amigo, são de louvor estas curtas palavras, traçadas, humildemente, por um dos que vêm no dedicado diplomata um trabalhador e um esforçado homem de acção.

Lisboa, 1928.

ADOLFO FARIA DE CASTRO.



O CENTENÁRIO GERAIS

A onze de Julho d'este ano da graça de 1928 fez precisamente um século que os três braços da Nação—Clero, Nobreza e Povo—reunidos na cidade de Lisboa de harmonia com as velhas tradições e convocados conforme tôdas as praxes estabelecidas para casos tais, puzeram a sua assinatura num documento sensacionalmente histórico: — o *Assento dos Três Estados*, pelo qual se declarava terem ficado excluídos da successão ao trono português, já antes de dez de Março de 1826, o então Imperador do Brasil, D. Pedro de Alcântara e todos os seus descendentes... Em virtude, pois, de semelhante exclusão, determinada por motivos duma lógica até hoje irresponsível, os Três Estados chamavam a succeder ao desventurado D. João VI a segunda linha da sua descendência, reconhecendo e declarando em seus assentos especiais que ao Infante D. Miguel, primeiro do nome, pertencia a coroa portuguesa desde o referido dia 10 de Março de 1826. Mais se declarava no Assento referido dever-se reputar nulo e de nenhum direito tudo quanto o primogénito D. Pedro de Alcântara, na qualidade de Rei de Portugal, que *lhe não competia*, praticara e decretara e, nomeadamente, a chamada *Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa*, datada de 29 de Abril do dito ano de 1826.

Passou esse centenário totalmente despercebido, ou quasi, o que é para estranhar numa terra aonde se celebra tudo, — até mesmo o que não tem celebridade nenhuma!... Mas o documento em questão, digamo-lo em abono da verdade, tem uma importância capital para quem, por assuntos de história nacional, manifeste um certo interesse e possua um espirito capaz de isenção e análise... Marca o Assento dos Três Estados de 11 de Julho de 1828 o paroxismo de luta entre duas ideias; com êle se inicia o calvário dum moço e desventurado príncipe sobre o qual recaíram ódios formidáveis, calúnias estupidas e ridículas, todo um concerto de imprecções e deslealdades que o haviam de vencer e atirar depois para um exílio aonde a sua figura mais havia ainda de avultar... A história de hoje, tendo ao seu serviço o Tempo — destruidor implacável de mitos e falsidades! — começa a fazer justiça a esse desditoso príncipe, ao mesmo tempo que reduz a um ídolo de pés de barro, o irmão, seu antagonista e vencedor... Já hoje, — mercê das correções que a análise, severa e justa, realizou sobre a chamada *História feita*, — se não apresenta D. Miguel I como um usurpador e um tirano execrável, nem tampouco seu irmão, D. Pedro, como o Libertador magnânimo dos portugueses... Hoje encararam-se os factos mais friamente: a experiência trouxe-nos lições decisivas, as suas correções foram quasi totais... Desde a obra de Sá Chaves — tão nobremente severa para os falsários da



D. Miguel I

História! — até ao recentíssimo D. Pedro e D. Miguel de Oliveira Lima, o ilustre historiador brasileiro há pouco falecido, quantas calúnias desfeitas, quantos ídolos apedoados e partidos, quantas ideologias reduzidas à infima categoria de tolices sem defesa possível!...

Mas, a causa de D. Miguel I — cuja declaração basilar foi o célebre Assento dos Três Estados nas Côrtes Gerais de 1828 — essa causa, como certas criaturas que, ao nascer, já trazem consigo os germens implacáveis da sua morte próxima, surgira já condenada, teria de ser inevitável, inexorável, injustamente vencida. Embora em si resumisse todos os direitos e legitimidades, a justiça e a causa da Nação, D. Miguel I, mais do que os estrangeiros do exército de seu irmão, tinha a recear um inimigo tremendo: o espirito da época desviado por ilusões que haviam de



D. Pedro I, Imperador do Brasil

DAS CÔRTEES DE 1828

perdurar por muitas dezenas de anos, aluir tronos, minar profundamente o edificio muitas vezes secular das instituições basilares... Ao lado do varonil e moço soberano estava, é certo, a massa puríssima do povo, cuja índole municipalista, foraleira e ciosa dos direitos conquistados, se opunha à intrusão de sistemas que repudiava como contrários à sua obra durante o decorrer dos séculos... Mas esse povo nada podia fazer desde que as camadas superiores o traíam, o levavam insensivelmente para a derrota... O exame severo da mentalidade dos estadistas, militares e categorizados partidários da causa de D. Miguel I levará o historiador sensato a conclusões fatalmente pessimistas: o mal entrará fundo, as ideias da Revolução Francesa mais ou menos dominavam as classes cultas, entibiavam o que nelas restava de apego às velhas instituições, deliam-lhes o entusiasmo. Aparte raríssimos vultos de contra-revolucionários, D. Miguel é o povo não tinham ninguém a guiá-los para a vitória e, possivelmente, era inútil uma luta contra o espirito da época, formidavelmente destruidor de consciências... A Europa inteira estava passando por uma radical transformação e os pequenos núcleos de resistência nacional que, aqui e ali, se formaram, fatalmente seriam vencidos. Bem podiam entre nós caçar-se os representantes dos Três Estados a declarar os direitos do novo soberano e os da Nação!... Debalde teóricos ilustres provaram contrários ao país e à sua índole as instituições que o estrangeiro queria impôr! O povo, a sua obra, os seus legítimos direitos e interesses começavam a não contar para os estadistas e reformadores. E, portanto, quem simbolizasse as ideias desse povo e se quizesse opôr à onda niveladora que se erguia por toda a velha Europa, esse alguém, sem ambiente, sem mentalidades firmes e argutas a secundarem-no, veria talvez enormes dedicações a seu lado, sentir-se ia estremecido pelo seu povo — e foi o caso de D. Miguel I — mas acabaria por ser vencido... Tudo estava minado entre nós — até o próprio clero! O vento que sacudia a Europa e que só começaria a decaír quando as tristes lições da experiência lhe opuzessem as torvas muralhas da desilusão, esse vento de insanía e miséria intelectual varreu e sepultou a resistência dos teóricos da Legitimidade, quebrou a força da luta armada, destronou os soberanos — e poz no lugar de tudo quanto afastara para longe, a obra apressada e rigidamente geométrica das suas ideologias, relegou ao papel de simples elementos desprezíveis os povos, e tornou os chefes de Estado em máquina ridículas de assinar decretos.

E assim era preciso que succedesse já que, mercê da sua profunda miséria, a Humanidade necessita da experiência amarríssima para se convencer de que há erros que levam à morte e à perdição!

FEMI

NINA



LEIAM
A
«VOGA»

LEIAM
A
«VOGA»



EM CIMA, à esquerda: — Um lindo modelo de Agnès em Kashabure listado, de segunda face lisa, formando vestido e capa de sport. — (Foto G. L. Manuel Frères)

NO MEDALHÃO DE CIMA: — Chapéu em feltro negro debruado de peluche azul, enfeites de strass em forma de ave exótica, criação de Chenault. — (Foto Henri Manuel)

EM CIMA, à direita: — Outro modelo Agnès em crêpe da China estampado em lindas rosas ornamentais, grande ramo de flores artificiais na cinta, echarpe igual. — (Foto G. L. Manuel Frères)

NO OVAL DO CENTRO: — Vestido em Crêpe da China bege e cinta bordada a contas pollicromas. Saída de teatro em seda lamê prateada com sumptuosas peles cinzentas. — (Foto G. L. Manuel Frères)

EM BAIXO, à esquerda: — Um casaco originalíssimo, corte ukrainiano, em seda moirée cinzenta-perla e bandas de veludo cinzento chumbo. Criação Agnès. — (Foto G. L. Manuel Frères)

EM BAIXO, à direita: — Vestido e casaco de verão em dois crêpes da China, um estampado, malmequeres dourados sobre fundo vermelho, outro vermelho sangue. Modelo Agnès. — (Foto G. L. Manuel Frères)

AS TEORIAS DE VORONOFF

A CONQUISTA

DA 3.^A MÃO

RELATO PROFÉTICO DA 1.^A SESSÃO DO CONGRESSO ANTI-SIMIANO NO ANO 2006

Ante-escrevemos no *Notícias do Século* de 2 de Julho de 2006: *

Realizou-se ontem, como fôra anunciado, a primeira sessão do Grande Congresso Anti-Simiano.

Há muito que nas altas esferas científicas e financeiras era intensamente debatido um problema grave que urge imediatamente resolver.

O enxerto simiano é hoje prática tão vulgar como a vacina, e contam-se por milhões os indivíduos «melhorados» com a glandula ancestral do orangio africano.

Esta mudança brusca da média de longevidade humana vem afectar os interesses clássicos do velho mundo, obrigando o capitalismo e a sciencia a defesas immediatas como sejam a modificação dos códigos, a revisão geral das tabelas de seguros de vida e até a legislação respeitante a heranças e sucessões.

Das doutrinas ontem sábia e proficientemente expandidas na primeira sessão do Congresso Anti-Simiano vamos dar conta aos nossos leitores, arredando o nosso comentário de profanos e deixando a sciencia pronunciar-se livremente sobre tão momentoso assunto.

Alerta a sessão pelo presidente do Congresso, o engenheiro Paulo Cat, presidente da Sociedade Britânica de Protecção aos Animais, e inventor da célebre ratoeira asfixiante, foi dada a palavra ao delegado francês do Comité de fabricantes de tónicos e reconstituintes, Mr. Robin.

O orador em estilo fácil e fluente mostrou os perigos do enxerto simiano para o futuro da classe que representa. As retortas dos laboratórios estão inactivas, o suco vital do macaco matou a peptonia, os glicerosfosatos apodrecem nas farmácias, a anemia e a clorose são elegâncias quasi tão apagadas na memória da gente de hoje como o terror da lepra medieva ou a morte pela raiva canina.

O orangotango derrotou o químico... Pede providencias. (*Aplausos*).

A seguir discursa o sr. Hurtado Liebre representando a Faculdade Mundial de Professores de Educação Física.

Deplora, em termos comovidos, a ruina de tão útil modalidade científica. Recorda com saudade a glória lídima de Ling e de toda essa pleiade de homens ilustres que ensinaram a gymnastica respiratoria no velho mundo.

Chama a attenção da assembleia para um fenómeno grave: Os professores de gymnastica veem enferrujando por falta de exercicio dos próprios musculos, e termina exclamando:

A libra do macaco impôs-se, e a natureza tomou o lugar da sciencia. É necessário resuscitar a escriptura e cultivar o linfatismo para que a Arte do professor triunfe do instinto do animal.

O orador foi vivamente aplaudido.

Faltando um quarto de hora para o encerramento da primeira parte da sessão do Congresso, foi dada ainda a palavra ao terceiro orador inscrito, o maestro Fifiiani, representante ilustre do Comité dos Musicos Italianos.

O orador expôs claramente a mecânica da voz humana e as razões a que obedecem o agrupamento de cantores masculinos nos três grupos clássicos: Baixos, Barítonos e Tenores. Conquanto no último quartel do século findo os baixos fossem escassando e aumentasse o número dos tenores, era contudo fácil formar um elenco de companhia. Mas agora? «Agora, se-

nhores, agora, — exclama o maestro Fifiiani — é quasi impossivel essa tentativa inglória.

Na Itália há dois milhões de rapazes «melhorados» de macaco.

O instinto simiano influhi no regime gatural e a voz humana regressa para o guincho.

O diapasão normal subiu e os novos alunos do Conservatório de Milão não se envergonham de emitir, desde o ensaio de experiencia, as notas que caracterisam a voz ultra-feminina do soprano-lírico.

— E que sopranos, meu Deus! — lamenta ainda o senhor Fifiiani — Não julgueis que nessa voz haja um vislumbre de doçura aprendido dos tipos das catedrais... Nessa voz aguda há notas semelhantes ás emitidas por uma faca que risca um prato vidrado.

É o guincho, o grito estrídulo do chimpanzé alapardado na garganta do homem para arripiar as plateias e derruir para todo o sempre as tradições seculares do «bel canto» napolitano...

As últimas palavras do orador foram escutadas de pé, e a sessão foi suspensa por meia hora.

Com a assisténcia dos mesmos congressistas e mais um, foi reaberta a sessão com as formalidades do costume.

Antes de ser dada a palavra ao primeiro orador inscrito, o sr. Cat, presidente do Congresso, apresentou á assembleia o congressista que tinha chegado durante o intervalo. Apresentando-o, fez o elogio do sabio Jungfeish, pai do recém-chegado, uma das mais autênticas glórias da Alemanha e do mundo civilizado.

Lembron os seus trabalhos de histologia e bio-química, e terminou saudando no filho a obra imortal do pai.

O sr. Jungfeish, de pé e comovido, agradece em breves palavras a saudação recebida, e roga que o inscrevam como último orador daquela sessão, pois quer expôr no Congresso a summa dos seus últimos trabalhos, attribuindo a estes um valor inestimável para a redenção da espécie.

Concedida por aclamação a aquiescência da assembleia, foi dada a palavra ao sr. Meursvite, delegado do Trust Universal de Pensões e Rendas Vitalicias.

— O receio da fome — diz o orador — levava o homem sensato a precaver-se contra as suas investidas, e a renda vitalicia era uma operação vantajosa e útil, de cujo exercicio dependia a vida desafogada de muitos Bancos e de milhares de empregados. Calculos sábiamente feitos tornavam possivel essa assisténcia da Finança, e não consta que um só dos pensionistas das Companhias se queixasse, depois da vida, da improficuidade da Renda Vitalicia... (*Sorrisos*).

O homem, garantido pela segurança material, podia viver descurado o tempo que quizesse...

A garra da morte levava-o geralmente mais cedo do que ele esperava, e a Companhia deplorando, muito embora, a fragilidade do barro humano, prosperava dignamente.

Hoje o caso é outro. A falencia espereita no futuro como uma pupila diabolica.

Dantes o homem fazia-se pensionista duma casa bancaria para morrer tranquilamente... Hoje, meus senhores, o homem adquire o direito á pensão e logo a seguir — frandulentamente, caprichosamente, silenciosamente, ladramente, enxerta-se de macaco e vive até aos cem anos, defendando o Banco infeliz que lhe accei-

ton o capital miseravel. As Caixas de Pensões agonisam, as Companhias seguradoras vão falir porque o homem «melhorado» nunca mais morre...

Em nome do Trust Universal, que representa, o orador pede ao Congresso uma enérgica intervenção junto dos governos para que do enxerto fique em todos os corpos marca bem visivel... (*Aplausos frouxos*).

Não tendo respondido á chamada o segundo orador, foi concedida a palavra ao dr. Jungfeish.

É um homem alto, louro, espadado, que se faz acompanhar por uma senhora elegantissima.

Nuns instantes de silencio a sua figura masculina domina a assembleia. A sala dispõe-se a ouvir, e o dr. Jungfeish começa o seu discurso.

Conferencistas ilustres e meus irmãos na sciencia:

Bu não sou o filho de Jungfeish, dêsse Jungfeish que vós aclamastes há pouco num movimento colectivo de respeito que muito me honra e comove. Bu não sou o filho! Bu sou o próprio Jungfeish... (*Sussurro de pasmo*).

Bu estive contigo, Robin, no último Congresso de Paris... Recordo que me deste o braço na escadaria nobre da nobre Sorbonne, ajudando o meu ataxismo pertinaz...

Bu ouvi há cinquenta anos no Seala de Milão a «Aida» cantada por vós, professor Fifiiani, e tive horas depois occasião de vos felicitar num café da grande praça.

É vós, Meursvite, que estais sorrindo, incrédulo do meu dizer, não sois acaso aquêlre empregado jóven da Banque des Pays Bas que me descontava em Bruxelas um cheque de cinco mil marcos tôdas as segundas-feiras? (*Novo sussurro*).

Refeito o silencio o dr. Jungfeish continua:

— Sou eu, sou o mesmo, o histologo alemão que vós há pouco ovacionastes. Sou esse velho que tropeçava nos degraus da Sorbonne e que hoje é o marido jóven desta senhora que me acompanha. Estava velho. Achei cedo para morrer e enxertei-me... Não vos revelaria este particular da minha existência se não viesse ao mesmo tempo prometer-vos a liberdade total da espécie — a Redenção completa do homem.

O homem reconquistou o musculo, a leveza, a longevidade.

Falta-lhe, contudo, alguma coisa para que ele possa habitar comodamente o Reino da Arvore.

Conscio dessa necessidade incontestável pratiquei no meu filho (que tem três meses) a operação redentora que é a cúpula magnifica da obra de Voronoff.

Com uma incisão rápida soltei ao seu corpo de recém-nascido essas cinco vertebras que formam o coxix e que são o resto do apêndice caudal do Avô. Soltei as vertebras e vi com pasmo, ao segundo mês da operação, que essa parte imóvel da columna vertebral retomava as suas antigas facultades de movimento...

O meu filho, perante uma alegria forte, a refeição matinal, por exemplo, agita esse pequeno rudimento... (*A assembleia raspa com os pés*).

Só isto vos queria dizer. Vim para vos annunciar que dentro de três gerações a Humanidade terá reconquistado gloriosamente — graças a mim, — graças a Voronoff, graças a meu filho, a Terceira mão, o Para-quedas, o Ralo — disse.

Mr. Robin agitou furiosamente a campainha, e a sessão terminou como as antigas reuniões parlamentares.



OS NOSSOS ARTISTAS

(DESENHOS DE BOTELHO)

CREMILDA DE OLIVEIRA

Pertence ao grupo de atrizes, cuja impressão de arte se fixou fortemente no meu apreço, e que tem lugar na minha saudade.

Conheci-a nos princípios da sua carreira, rapariguinha algo morena, de olhos negros ou quasi negros, olhos que escureciam ou se clareavam, segundo os impetus emotivos ou graciosos da sua pessoa gentil.

Vi logo que ali havia o estofo de uma grande atriz, nessa artístinha despreten-

Só a vida pôde fazer uma artista a valer. Quando a actriz não conhece as suas graças e os seus agravos, tudo nela é posição e forçado. É tudo árido estudo, onde não transparece a mais leve denúncia de verdade.

Dispondo de uma figura elegante e de um rosto expressivo, Cremilda tem abordado com êxito todos os géneros de teatro.

Na opereta, ela dá aos seus papeis uma vivacidade e uma galanteria muito especiais que vão da *Viuva alegre* até à *Moça de Campanillas*, em gradações variadas e sempre interessantes.

No drama ou na comédia, a actriz expande-se com toda a sua alma cheia de sentimento ou saltitante de garotice e gentileza alegre.

Apesar dos anos decorridos, apesar dos degraus que subiu na escada ascensional da fama, Cremilda não conseguiu separar-se completamente do seu passado.

Tem ainda o mesmo sorriso gracioso e quasi infantil da rapariguinha ingénua e simples de outrora.



ciosa e modesta, tal como o botão de rosa nos deixa adivinhar a maravilha da flor que nos dará um dia.

E foi assim. Quando tornei a vê-la, depois de tantos anos idos, encontrei-a actriz feita e senhora absoluta de todos os segredos da arte de representar.

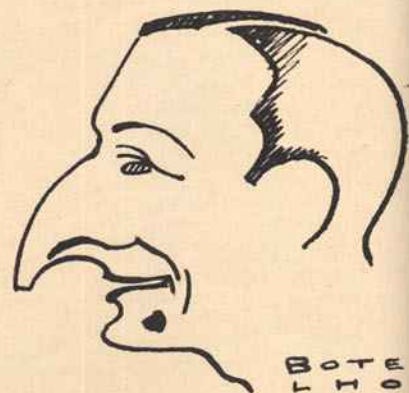
Aos seus dotes naturais de artista, juntou Cremilda as lições da vida: o amor e o desengano.

A boneca que sorria e chorava maquinalmente, sem conhecer ainda bem o prazer do riso e a mágoa das lágrimas, humanizou-se, fez-se mulher, e sabe agora dar-nos o sentido pleno do riso, e sabe falar-nos da amargura de quem chora.

extensa e de um belo timbre. Hoje é ainda o mesmo excelente interprete dêsse género e é mais ainda um magnífico galã de comédia.

Na opereta, Sales Ribeiro já se mostrava actor, nesses papeis cantados e falados, desde as importações estrangeiras até às criações nacionais, como no seu estudante da *Letra de Entre-Arroios*, onde cantava um fado-serenata, que era um primor em letra e música — ou não fôsse êle assinado por Penha Continho e Filipe Duarte.

Mas foi durante a sua estada na Companhia de Cremilda de Oliveira, que êle se



SALES RIBEIRO

Um artista, com alma de artista. Porque há artistas — actores — que têm talento, habilidade, disposições, toda a gama dos requisitos indispensáveis para o métier, mas que não têm na alma, o fluido artistico, para dar à personagem e que passa deles para o público, que prende o espectador ao seu trabalho, que lhe dá o *frisson* emotivo.

Sales Ribeiro é dos poucos que dispõem dêsse dom natural. Sim, natural, porque a alma nasce connosco.

Todos os outros predicados de adaptação a uma sciência, a uma indústria ou a uma arte, adquirem-se pelo estudo. E até a intelligência se desenvolve pelo exercício.

Mas a alma — a sinceridade, a emoção — é um dote com que Deus nos brinda ao nascer.

Sales Ribeiro era um bom actor de opereta, ajudado poderosamente pela sua voz

afirmou definitivamente um actor de comédia, que pôde alistar-se entre os melhores do nosso teatro declamado.

Pude apreciá-lo na *Mosca de Milão* e no *Bon-bon*, onde o seu jôgo de scena é perfeitíssimo de detalhe e expressão.

Sales Ribeiro tem ainda uma outra corda no seu arco: Diz canções brasileiras com um *charme* indefinível.

A sua voz faz-se mais pequena e mais suave nas modicações da trova popular.

Nunca ouvi cantar nem dizer tão delicadamente a *Casinha* e o *Luar do Serlão*.

É um mimo, um encanto de expressão e sentimento.

Que artista e que alma de artista...

MERCEDES BLASCO.

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO NA ITALIA

ENTREVISTA COM BENITO MUSSOLINI

O olhar severo de Benito Mussolini tem um clarão da profecia ao projectar-se sobre mim, lá da alta cadeira aonde o célebre estadista se assenta para batalhar muitas vezes dezesseis horas por dia. Mussolini, erguendo-se dentre a massa dos trabalhadores a que pertencera, traz no coração os problemas que afligem a classe operária. E o assunto que eu lhe havia sugerido como tema da nossa entrevista, era daqueles que mais o preocupavam: o problema da habitação das classes pobres que é como quem diz: os pobres de Roma, Londres, Berlim, Nova York e tantas outras grandes cidades.

Era minha intenção formular-lhe várias perguntas, mas Benito Mussolini antecipou-se-me respondendo-lhes antes mesmo que eu as formulasse. A sua inteligência é incisiva, arguta. Assunto que tome como tema é abordado por todos os pontos e esgotado: é o que me foi dado verificar nesta entrevista que tive com o célebre estadista italiano.

—O problema da habitação em diversas grandes cidades parece de solução quasi impossível — disse-lhe eu. — Acaso uma espécie de ditadura como a que V. Ex.^a presentemente exerce sobre a Itália, poderá ser útil a tal respeito a quaisquer cidades cujas populações estejam congestionadas? Poderá tal ditadura criar aquilo que é preciso e solucionar o problema?

Mussolini sorri ao ouvir-me falar em ditadura. E a sua resposta é a de um estadista.

—Quem quer pode fazer leis a tal respeito... Mas a verdade é que ninguém resolve o problema com leis, a não ser que a força venha secundar a lei. Chame à lei ditadura e tudo o mais que desejar... Mas, repito, se a lei não tiver a força por detrás de si nada se conseguirá. Consegui melhorar a condição dos operários na Itália, e particularmente em Roma porque puz a força ao serviço da lei destinada a resolver os nossos problemas entre os quais era um dos mais importantes o da crise da habitação.

Roma não é somente a capital dos amantes de antiguidades... Roma é o lar de milhões de trabalhadores. E se as classes operárias da velha Roma viviam em barracas, os trabalhadores do século XX têm de viver em lares. A Nação que deixou de ser um conjunto de lares, bem depressa deixará de ser uma nação.

Não estou bem seguro de que nós, os Fascistas, tenhamos feito tudo quanto devíamos para beneficiar as massas trabalhadoras das cidades italianas. Mas, em todo o caso, fizemos muito mais do que os inimigos do Fascismo e é nosso propósito fazer mais e muito mais ainda. Consideramos isso como um dever nosso e a nossa opinião é que os milhões de trabalhadores italianos devem ter também o seu quinhão nas boas coisas deste mundo. Não que seja nosso propósito arrancar os operários da sua condição própria e portanto torná-los piores prometendo-lhes coisas impossíveis. O que entendemos é que a parte do trabalhador deverá ir sendo melhor gradualmente e atendendo aquilo que é de justiça.

Surge ao meu espírito uma outra pergunta:

—Na opinião de V. Ex.^a a condição do operário é melhor agora do que era antes da guerra?

—Não posso responder directamente a essa sua pergunta — replica o Ditador italiano. — Sob o regime fascista as classes operárias trabalham com esperança e portanto trabalham mais. Aqueles que estão ao par das estatísticas asseguraram-me que actualmente se produz muito mais do que antes da guerra. E este é o melhor e maior testemunho que se poderia aduzir a esse respeito...

Para o governo não há problema maior do que o de encontrar lares para os trabalhadores. Se lançarmos um olhar para a história dos

«É PRECISO REMEDIAR AS DESGRAÇADAS CONDIÇÕES DE ALOJAMENTO DAS CLASSES TRABALHADORAS!»

«A NAÇÃO QUE DEIXOU DE SER UM CONJUNTO DE LARES BEM DEPRESSA DEIXARÁ EM TUDO DE SER UMA NAÇÃO.»

«QUERO QUE OS OPERARIOS VIVAM EM BELEZA»

políticos, bem depressa verificaremos que a vida política consistia numa série de conflitos e crises, seguidos por crises de relativo sossego. Alguns estadistas julgavam até bastante predizer uma agitação porque ela fatalmente se daria, havendo até quem a predissesse com toda a antecipação.

Ora essas agitações podem muito bem ser evitadas desde que ao trabalhador se assegure

a existência desafogada. Não houve nunca uma crise política que não redundasse em prejuizo daqueles que trabalham, sejam eles trabalhadores de enxada ou de qualquer outro duro mister, e até mesmo daqueles que se dedicam a empregos mais suaves e representativos. Assim aconteceu sempre com a política dos partidos. O resultado viu-se: a quasi destruição das classes trabalhadoras. Ora a única maneira de



Um raro retrato de Mussolini sorridente.



Mussolini arcangando aos jovens fascistas

impedir essa destruição é dar um lar em termos ao trabalhador.

Neste momento vejo Mussolini mexer em vários impressos de côr... Representam esses papéis os pormenores das novas habitações que estão sendo construídas nos subúrbios de Roma por um método cooperativista e sob a imediata fiscalização do governo. Ao lado desses planos, sobre a secretária, está uma pilha de correspondência diplomática.

— Estes papéis azues que aqui vê — diz o Ditador com a sua voz incisiva são muito mais importantes para a Itália do que os seus negócios estrangeiros. Ai por alturas do século XVIII, houve um estadista que afirmou poderem as qualidades dos senhores dum país ser avaliadas pelas condições do povo trabalhador desse mesmo país. Ora os senhores dos destinos dum país poderão ser muito elegantes e agradáveis, mas, se o povo que eles governam anda estomeado, cheio de frio e nú no meio da abundância então é porque os governantes são dotados da maior incompetência, senão de coisa pior.

A classe que num país mais deverá ter os carinhos dos governantes é aquela que produz pelo seu trabalho. Se as classes trabalhadoras se encontram destituídas de tudo e esfomeadas, se o povo que constrói as casas, não tem casa para si, nesse caso encontramos a uma exigua distância da revolução...

O problema da crise da habitação surgiu com a guerra. Tem pois de ser solucionado pelos métodos da paz. E, quanto a mim, sou de opinião que todos os esforços para resolver o problema da habitação pelos métodos socialistas estão condenados a um inteiro insucesso.

Se considerarmos a situação da Europa, vere-

mos que o Socialismo não atingiu as realidades práticas do problema. Os próprios russos são cada vez mais forçados a mitigar a doutrinária atitude do seu socialismo. Na Alemanha a solução socialista não resolveu coisa nenhuma. Na Inglaterra o que vemos é o partido trabalhista afastar-se mais e mais dos métodos do marxismo. Que coisa ridícula pois, tentar resolver o problema da habitação por métodos socialistas!

O Fascismo, a não ser em casos extraordinários, não se propõe construir casas. Faz com que o povo construa os seus próprios lares.

Mas quando é necessário exerce pressão a fim de facilitar e apressar a construção de casas para aqueles que só possuem mínguos recursos.

Há governos que exercem a sua influência para induzir os capitalistas a empregarem o seu dinheiro em terras estrangeiras. Não será pois de toda a justiça que o governo italiano use de toda a sua influência para que os endinheirados construam e edifiquem na sua própria pátria?

E o dever dum governo digno deste nome é conseguir que os lares do povo lhe sejam fornecidos por um preço que esteja de acordo com as suas posses.

Ora não se diga que tal propósito é impraticável. O desejo, a esperança de ter uma casinha que lhe pertença está no espírito do mais humilde dos cidadãos. E é preciso que ele se convença de que tal esperança não é uma quimera... E diga-se desde já que esta convicção não deverá dizer respeito apenas ao povo italiano mas sim ao de todas as nações, ao de todas as cidades: Roma, Londres, Berlim, Paris, Nova York...

O financiamento de habitações para o povo

é o mais alto tipo de emprego de capital. Firmemente baseadas, as somas disponíveis para este propósito grangearão receitas seguras e prolongadas, estendendo-se a longos períodos sem o menor risco.

Há em todos os empreendimentos uma feição administrativa que não é menos importante do que o lado criador. Quer isto dizer que de nada servirá a um indivíduo poupar largas somas desde que não sabe conduzir os seus negócios. Ora a construção e posse dum lar. E esse conhecimento só se consegue pela própria experiência. A verdade porém é que uma pessoa desajudada não pode governar o seu lar. Requer-se portanto a cooperação de mais duma pessoa. Donde se conclue que, se, como tantas vezes se diz, o papel da mulher é no seu lar, também lá é o lugar do homem.

Não quero que os trabalhadores de Roma aspirem simplesmente a olhar as belas ruínas do passado. Quero que eles vivam em beleza.

Esquece-se muita vez que se um país está bem fornecido de casa para pessoas de recursos mínguos é porque há muitos trabalhadores treinados em construir essas casas.

Os lares — mesmo os mais humildes — deverão ser construídos por artistas, por pedreiros que sejam artistas; por cabouqueiros que o sejam também; por carpinteiros que saibam da sua arte. Donde surge uma criação de beleza que possui uma alma: a ideia imperecível da divindade protectora do lar.

Uma das coisas mais essenciais para a construção do lar operário é que este esteja em boas condições sanitárias. Mas isto parece ter sido inteiramente desprezado pelas comunidades rurais e quantas vezes eu tenho pensado para comigo que os italianos ao construir casas, o fazem mais para os outros do que para si mesmos!...

Mas agora para mim é um título de orgulho o atravessar o meu país e ver como os lares operários se vão erguendo com tanta beleza como conforto.

Que o trabalhador viva numa casinha tão formosa quanto possa ser!... A beleza simples é uma beleza completa e esta reside na perfeição. É este o credo que, arquitecturalmente seguimos.

O homem que pense no seu lar, pensa fatalmente na sua família. O problema da habitação é no fundo o problema da família. E não pode ser encarado portanto à luz das necessidades dum indivíduo isolado. Ninguém necessita de viver sósinho numa casa a não ser por excepção e nesse caso esse caracter excepcional não pode determinar a situação dos outros.

O lar, a construção da casa — tudo isto se poderá abranger sob o nome de construção — preocupa-nos intensamente e em nome do próprio fascismo.

Estas coisas têm de ser associadas à ideia da Beleza. A necessidade da reconstrução, a ideia dum lar que todos acariciamos, não nos deverá fazer esquecer de que, em todos os tempos e entre todas as vicissitudes do povo italiano, se teve sempre em vista disseminar por todo o mundo a suprema flor da civilização: a Arte.

E não me parece que estas duas palavras — Itália e Arte — possam andar separadas.

Nem posso admitir influência civilizadora desde que associada à construção dos lares ou à sua ornamentação, inclua na sua obra a distinção do sentido de Beleza inerente ao peito humano.

Repudio inteiramente a ideia de que a arte no lar ou na sua construção seja um luxo inatingível pelo povo. Não! a arte é para nós uma necessidade primária, a base de tudo quanto em nós haja de melhor, a inalienável herança do passado.

Construir um lar é construir com beleza.

Preocupamo-nos com estas coisas mas só nos intronnetemos nelas quando isso se torna necessário. Não creamos maquinas burocráticas só boas para esmagar o povo. A nossa divisa jamais esquecida, e base de todo o governo que se prese é simplesmente: *Nada de excessos, de inúteis violências!*

ATLANTIDA

ROMANCE

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do Magazine Bertrand e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

Ele sorriu e dominou-a agarrando-lhe os pulsos que apertava ao mesmo tempo com energia e com delicadeza. Hiram-Rei rugiu, cuidou que ia deitar-se a elle; mas Morhange manteve-o fascinado sob o seu olhar frio.

— Escuta — repetiu ella — escuta. Pela última vez! Considera que eu mando nas portas deste palácio; considera que tenho poder absoluto sobre a tua vida; considera que só respiras enquanto eu te amar. Considera...

— Já considereei nisso tudo — disse Morhange.

— Pela última vez! — repetia Antinea.

E a serenidade de Morhange tornou-se tão pura, que eu deixei de ver a sua intencionalidade. Naquele rosto transfigurado já nada havia de terrestre.

— Pela última vez murmurou a voz quasi sufocada de Antinea.

Morhange já a não via.

— Pois seja feita a tua vontade — disse ella. Ouviu-se o timbre do timbre e appareceu um targui branco.

Morhange saíu de cabeça alta.

.....
Tenho agora Antinea nos braços. Já não é a voluptuosa, toda activa e desdém, esta que estou a apertar contra o coração. É uma rapariga infeliz e desprezada.

A sua prostração era tal que se não admirou de me ver surgir a seu lado. Tenho a cabeça dela sobre o meu ombro, e estou a ver o perfilzinho de gavião apparecer e desaparecer na onda dos seus cabelos negros, como a lua entre as nuvens.

Os seus braços mornos apertam-me convulsivamente.

Oh! tremblant cœur humain

Quem poderia resistir áqueles beijos no meio daqueles múltiplos perfumes na humidade amolecedora da noite? Sinto que sou um ser sem vontade. Será minha a voz que murmura:

— Tudo que tu quizeres, tudo que tu me pedires, eu o farei, eu o farei. Tenho os sentidos excitados, multiplicados por dez. Tenho a cabeça deitada num joelhinho nervoso e suave. As nuvens de perfume revolteiam. Parece-me que as lanternas de ouro do tecto se puseram a dançar como turibulos gigantes. Será a minha voz a que repete:

— Tudo que tu quizeres, eu o farei.

Quasi encostado ao meu, vejo o rosto de Antinea; passou-lhe no olhar um estranho clarão.

Um pouco além estão as pupilas fulgurantes de Hiram-Rei. Ao lado d'elle está uma mesa de xarão, azul e ouro. E em cima da mesa o timbre com que Antinea chama. Vejo o martelo com que nelle baten há boacudo, um martelo com cabo de ébano, muito comprido, e uma cabeça pesadíssima de prata... Foi o martelo com que o tenente Zaine matou.

E não vejo mais nada...

CAPÍTULO XVII

AS VIRGENS DAS ROCHAS

Acordei no meu quarto. O sol já no zenite, enchia-se de luz e calor insuportáveis. A primeira coisa que vi, foi o estore arrancado, caído no meio do chão. Comecei então a lembrar-me confusamente dos acontecimentos da

véspera. Tinha a cabeça pesada e doía-me. A compreensão tinha hesitações; a memória parecia obstruída.

«Lá de que saí com o lobo-tigre não há dúvida. Ainda tenho o dedo encarnado da corda com que o segurei. Ainda tenho os joelhos sujos de terra por ter andado de gatas á entrada da sala em que os tuaregues jogavam os dados, antes de Hiram-Rei se atirar a elles. E depois? É verdade: Morhange, Antinea... E depois?..»

Depois não subia. Mas devia ter acontecido qualquer coisa, de que eu não era capaz de lembrar-me.

Apoderou-se de mim um grande mal-estar. Queria lembrar-me, e parecia-me que tinha medo de consegui-lo. Nunca senti nada mais penoso que esta contradição.

«O caminho daqui até ao quarto de Antinea é muito comprido. É preciso que eu estivesse muito preso no sono quando me trouxeram — porque me trouxeram — para não ter dado por isso.»

Deixei as investigações por aqui. Doía-me muito a cabeça.

— Vou tomar ar — murmurei. — Estou a torrar-me nesta casa; acabarei por encolher.

Precisava de ver gente, fôsse ella qual fôsse. Maquinalmente dirigi-me para a biblioteca.

Encontrei Le Mesge numa alegria doida. Estava a abrir um enorme pacote, envolvido numa linhagem cosida com todo o cuidado.

— Vem a propósito, meu caro senhor — exclamou elle ao ver-me. — Acabam de chegar as revistas.

E desembrollava-as com uma pressa doida; e, da abertura, ia saíndo um rio de brochuras azuis, verdes, salmão, amarelas.

— Está tudo optimo, — e continuou a dançar de contentamento. — Não houve demora de monta, visto que já estão aqui os números de 15 de Outubro. É preciso votar uma moção de parabens a este rico Aneur.

E a alegria tornava-o communicativo:

— Aneur é um honradíssimo comerciante turco de Trípoli que consente em assinar todas as revistas interessantes do antigo e do novo mundo, e não tem o cuidado de investigar para onde as manda, por via Rhadams. Aqui estão as revistas francesas.

Le Mesge lia rápidamente os sumários. — Política interna. Artigos de Francis Charles, Lory-Beaulieu, d'Haussonville, ácerca da viagem do czar a Paris. Olha, um estudo de Avenet sobre os salários da Idade Média. Agora versos de novos, Fernand Gregh e Edmundo Haraucourt. Uma noticia do livro de Henri de Castries sobre o Islam: É talvez o mais curioso... Mas, meu caro senhor, não faça cerimonia, leve o que quizer.

A alegria torna as pessoas amáveis, e a de Le Mesge atingia o delírio.

Começava a correr uma briza: cheguei-me á varanda e entrei a perceber um número da *Revista dos dois Mundos*. Não lia, folheava-a apenas, com os olhos ora nas páginas cheias de letrinhas, ora no lago feito na rocha, cujas águas se encrestavam rosadas sob os raios do sol que declinava.

De repente prendeu-se-me a atenção num texto que parecia ter estranha relação com aquélla paisagem:

O céu lá no alto apenas tinha leves traços de nuvens, parecidos com as cinzas brancas que ficam das loqueiras. O sol incendiava, em círculo, as cristas dos rochedos, desenhando no azul pálido os seus contornos magostosos. E lá do alto, sobre o recinto solitário, caía uma grande tristeza e grande suavidade, como bebida mágica em taça profundíssima... (!)

Passi algumas páginas numa excitação febril. Parecia que as minhas idéias começavam a esclarecer-se.

Atrás de mim Le Mesge grunhia indignado com a sua leitura.

Continuei com a minha:

Na luz crua, desenhava-se a meus pés, para todos os lados, um soberbo espectáculo. A serra de rochedos, toda visível em sua estéril desolação até aos mais altos cumes, estendia-se como amontoado imenso de coisas gigantes e informes, ali deixado para espanto dos homens, como testemunho de alguma primitiva titanomaquia. Torres desabadas...

É uma vergonha, uma pura vergonha — resmungava o professor.

... Torres desabadas, cidadelas desmoronadas, cúpulas caídas, colonatas quebradas, colossos mutilados, proas de navios, dorsos de monstros, esqueletos de tilãs, aquella massa formidável de altos e baixos, simulava tudo que há de enorme e de trágico. Os longes eram tão límpidos...

Para vergonha — continuava Le Mesge, desesperado, a dar murros na mesa.

Os longes eram tão límpidos, que eu distinguia todos os contornos como se tivesse diante dos olhos, infinitamente maior, o ro-

(!) Gabriel d'Annunzio. *As Virgens das rochas*. Revista dos Dois Mundos de 15 de Outubro de 1906.

chedo que Violante me tinha mostrado da janela, com gesto criador...

Fechei a revista, estremeçando. A meus pés estava o rochedo branco que Antínea me tinha apontado no dia da nossa primeira entrevista.

— É todo o meu horizonte — dissera ela. A exaltação de Le Mesge não tinha já limites.

— É mais que uma vergonha, é uma infâmia!

E agarrou-me no braço para que eu lhe desse a minha opinião:

— Há de ler isto, meu caro senhor; e ainda que não tenha grande competência na especialidade, há de ver que este artigo, a respeito da África romana, é um prodígio de ignorância e inconsciência.

E sabe quem assina isto?

— Deixe-me! — respondi brutalmente.

— Pois olhe que está assinado por Gaston Boissier, grande oficial da Legião de Honra, professor da Escola Normal Superior, secretário perpétuo da academia francesa, membro da Academia de Inscrições e Belas-Artes, um daqueles que em tempo rejeitaram o assunto da minha tese. Pobre Universidade! Pobre França.

Eu já não o ouvia. Tinha recommençado a leitura. Escorria-me a testa em suor. E parecia-me que a minha cabeça agora clara como uma casa a que se fôsse abrirem as janelas uma a uma, iam voltando as recordações, como pombas que ao pôr do sol recolhem ao pombal.

...E agora tremia lôda, com um tremor incunctel; e dilatava-se-lhe os olhos como ante visão favorosa.

Antonello — balbuciu.

E durante momentos mais nada pôde dizer.

Olhei para ela com indistincta angústia; e sofria com as contradições daquela boca adorada. E a visão de seus olhos passava para os meus, e eu tornava a ver o rosto pálido e cavado de Antonello, o rápido bater de suas pálpebras, e as ondas de angústia que, invadindo-lhe o corpo comprido e magro, o faziam tremer como uma cana.

Atirei com a revista para cima da mesa.

— Foi assim — disse comigo.

Para abrir as páginas, tinha-me servido da faca com que Le Mesge cortara os cordéis do embrulho, um punhal pequeno com cabo de ébano, daqueles que os tuaregues trazem junto da perna esquerda dentro duma bafinha com pulseira.

Meti-a na ampla algibeira do dólman, e ia a sair, quando Le Mesge me chamou:

— O sr. de Santo-Avito, sr. de Santo-Avito!

Voltei-me.

— É só para uma informação se faz favor.

— Que é?

— Pouca coisa. O senhor já sabe que eu é que tenho de pôr os letreiros na sala de mármore vermelho...

— Ora eu esqueceu-me de perguntar ao sr. Morhange em que data e em que terra tinha nascido. E como nunca mais o vi, tenho de fazer estas perguntas ao senhor. Pode informar-me?

— Posso — respondi serenamente.

O sr. Le Mesge tirára de uma caixa, onde

havia outros, um grande cartão branco; molhou a pena e começou:

— Número 54... Capitão?

— Capitão João-Maria-Francisco Morhange.

E, enquanto eu ditava, distingui na manga branca do braço que eu apoiava na borda da mesa, uma manchasinha de um vermelho escuro.

— Morhange — repetiu Le Mesge acabando o nome. — Nascido em...

— Villefranche.

— Villefranche, Ródano. Em que data?

— A 14 de Outubro de 1859.

— A 14 de Outubro de 1859. Bem. Fallecido no Hoggar a 5 de Janeiro de 1897.

— Pronto. E muito obrigado pela sua amabilidade.

— Ao seu dispôr.

E deixei Le Mesge com o maior sossego.

Tinha tomado uma resolução definitiva e sentia-me profundamente tranquilo. Mas ao deixar Le Mesge senti a necessidade de demorar um pouco a execução.

Vagueei ao acaso pelos corredores. Achei-me à porta do meu quarto e entrei: Continuava a sentir-se ali um calor insuportável. Sentei-me no sofá e comecei a reflectir.

O punhal na algibeira incomodava-me. Tirei-o e pu-lo no chão. Era um punhal sólido com a lâmina em losango. Fez-me lembrar o martelo de prata, e a facilidade com que o segurei quando bati...

E os pormenores da scena acudiram-me à lembrança com incomparável nitidez. Mas não estremei. Parecia-me que a resolução de matar daí a pouco a instigadora do assassinio me permitia evocá-los em tôda a sua ferocidade.

Ao lembrar-me do que fizera, espantava-me, não me censurava:

— Pois quê! — dizia eu. — Fui eu que matei este Morhange, que foi pequenino e que dava tantos trabalhos à mãe quando estava doente! Fui eu que cortei aquela vida e que reduzi a nada o momento de amor, de lágrimas e de cildas veneidas que é uma existência humana. Que extraordinária aventura!

Era tudo. Nem medo, nem remorso, nem aquele horror Shakespeareano que se segue ao assassinio e que hoje, a pesar de scéptico e mais desenganado do que é possível, me faz estremeecer quando estou sózinho de noite num quarto escuro.

«Vamos — pensei — é tempo de acabar com isto!»

Apanhei o punhal e antes de o meter na algibeira ensaiei o gesto de ferir. Estava bem, o cabo não me fugia da mão.

Só duas vezes eu tinha ido aos aposentos de Antínea, a primeira vez guiado por um targui branco e a segunda pelo lobo-tigre. Todavia encontrei o caminho. Pouco antes de chegar à porta da mansão luminosa depa-rou-se-me um targui.

— Deixa-me passar — ordenei — a tua senhora mandou-me chamar.

O homem tirou-se para o lado.

Chegon-me aos ouvidos uma melopeia surda: era o som duma rebazá, o violino de uma só corda das mulheres tuaregues. Era Aguida quem tocava enrolada, como de costume, aos pés da sua senhora. Rodeavam-na igualmente as outras três raparigas. Tanit-Zerga não estava.

Oh! visto que esta foi a última vez que a vi, deixa-me falar-te de Antínea e dizer-te como a vi nesse instante supremo.

Tinha ela sentido a ameaça que pairava sôbre a sua cabeça e teria querido afrontá-la recorrendo aos seus mais invencíveis artificios? Eu entrara com a lembrança do corpinho nã, que apertára ao peito na noite antecedente, sem anéis, nem joias. E quasi voltei para trás, ao encontrar diante de mim, adornada como um ídolo, não uma mulher, mas uma rainha. O luxo formidável dos farrós esmagava aquele corpo delicado. Tinha ela na cabeça o *pschent* dos deuses e dos reis, enorme e de ouro, com o seu nome escrito muitas vezes em caracteres tífinares, com esmeraldas, que são as pedras nacionais dos tuaregues. A *schent* modelava-a como bafinha hierática. Tinha aos pés um sceptro de ébano, terminado em tridente. Nos braços nús enrolavam-se dois ureus cujas cabeças iam perder-se nas axilas. Dos lados do *pschent* caía um colar de esmeraldas, cuja primeira volta passava por baixo do queixo e as outras se arredondavam sôbre o colo nũ.

Quando eu entrei, ela sorriu-se.

— Estava à tua espera — disse simplesmente.

Adiantei-me e a quatro passos de distância parei em frente dela. Olhou-me irónicamente.

— Que é isso? — perguntou com a maior serenidade.

Segui a direcção do seu gesto e vi o cabo do punhal a saír da algibeira. Tirei-o e segurei-o pronto a atacar.

— A primeira de vocês que se mexer manda abandonar, despida, a seis léguas daqui, no meio do deserto vermelho — disse friamente Antínea às mulheres, que tinham tremido de medo.

E para mim:

— fesse punhal é muito feio e parece-me que não te entendes com êle. Se quizeres, Sidia vai ao meu quarto buscar o martelo de prata.

— Antínea — disse eu surdamente — vou matá-la.

— Trata-me por tu, como ontem à noite.

Não te atreves diante destas? — disse apontando as raparigas aterradas. E tornou:

— Matar-me? Não és nada coerente. Matar-me na altura em que podes collier o fruto do assassinio do outro...

— E êle... sofreu? — perguntei estremeendo.

— Pouco. Já te disse que te serviste do martelo como se outra coisa não tivesses feito tôda a tua vida.

— Como Zaine — murmurei eu.

Sorriu-se admirada.

— Oh! Sabes essa história... Sim, como o Zaineito. Mas êsse era lógico. Ao passo que tu... não entendo.

— Eu também não entendo muito bem.

Pôs-se a olhar para mim com uma curiosidade divertida.

— Antínea!

— Que é?

— Fiz o que me pediste. Posso também fazer-te um pedido, perguntar-te uma coisa?

— Dize.

— Estava escuro lá no quarto?

— Muito escuro. Tive de levar-te até ao sofá em que êle dormia.

— Dormia? Tens a certeza?

— Digo-to eu.

— Mas não morren logo, não é verdade?

(Continua).



Passatempo

UM ANIMAL, EM PEDAÇOS

(Passatempo)

Estes borões são pedaços constitutivos de um conhecido animal; trata-se, não só de colocar uns ao lado dos outros, como ainda de sobrepor alguns sobre outros, para reconstituir o animal que, de tão insólita maneira, foi despedaçado. Vamos a ver como os leitores resolvem esta não pequena dificuldade.

O animal em questão, não anda aí pelas



ruas, nem é das nossas regiões. No entanto, aclima-se facilmente aqui, e já temos tido alguns bons exemplares dele, no nosso Jardim Zoológico.

O Antoninho: — Quem me dêra ser o tio!
O tio (que jôra convidado para jantar):
— Porque desejas isso, meu rapaz?
O Antoninho: — Porque não o castigam quando come com a faca.



Um inglês andava fazendo as horas de Londres a um hospede americano. O visitante era de disposição agressiva, resolvido a não achar coisa alguma tão boa em Londres como a mais insignificante de Nova York.

O seu guia mostrou-lhe um edificio novo que se estava construindo.

— Ora, coisas daquelas edificamos nós lá, em dois dias — disse, em ar de mofa, o hospede.

Mais tarde passaram por diante do edificio do Parlamento. O americano olhou para êle e perguntou:

— O que vem a ser aquella construçãozita velha?

O inglês colocou-se à altura da situação e respondeu:

— Sinto bastante, mas não sei dizer-lhe; ainda ali não estava quando eu aqui passei esta manhã.



Ela: — Foi satisfatória a conversa que tiveste com meu pai?

Elle: — Nem por isso. Ele declarou-me que não nos podia dar mais nada senão o seu consentimento.

CIRCULOS STRABOSCOPICOS

Decem à página um movimento no sentido horizontal, quer da direita para a esquerda, quer da esquerda para a direita, como se se lhe quizesse dar rotação em qualquer desses sentidos, e com ela, à série de círculos concêntricos, alternadamente pretos e brancos, que na figura estão representados; e faça-se isto, fitando a vista na roda branca dentada, que se vê ao centro. Vêr-se-hão todos os círculos girando, como se realmente se mo-



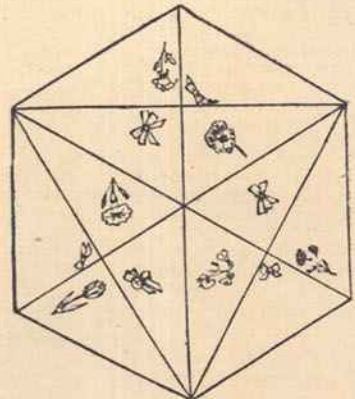
vessem, no sentido em que a página fôr movida, como dissémos.

A roda dentada, interna, mover-se há, ao mesmo tempo, em sentido contrário ao dos círculos concêntricos exteriores.



FLORES E FITAS

(Solução)



O desapontamento:

— Como o Pacheco anda com mau parecer e abatido!

— É verdade, sofreu um desapontamento de amor.

— O quê, declarou-se e recusaram-no?

— Não, casou.



— Elle disse que me dava um beijo assim que eu acabasse de falar.
— E tu, o que fizeste?
— Disse-lhe que nunca mais lhe falava.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

**OBRAS RECOMENDADAS PELO
COMITÊ SEQUANA**

Quelques témoignages, por Paul Bourget, 12 fr. Este belo volume de ensaios recorda-nos que em Paul Bourget não devemos apenas ver um poderoso romancista, mas sim também um crítico de arguta análise. Na leitura destas páginas colhemos muitos e muitos ensinamentos sobre a arte literária, quer na sua técnica, quer nos seus objectivos morais. Dois artigos merecem realce: um que estabelece o paralelo de Pascal e de Renan, ambos espíritos científicos e ambos dedicados a problemas religiosos, e outro intitulado *Réflexions sur Anatole France*. Palavras cruéis sobre o túmulo dum inimigo? Não. Condenação de ideias opostas, sim, mas feita com uma delicadeza admirável.

L'Allana ou la Vie vénitienne (1899-1921), por Henri de Régnier, 2 vols.: o 1.º, 18 fr.; o 2.º, 24 fr. Mais uma demonstração do singular amor que Henri de Régnier dedica há muito a Veneza e que já o fez glorificá-la em verso e pintá-la num romance. Este novo livro é de memórias da sua vida em Veneza, memórias em que a lembrança da Cidade marinha se mistura à imagem das pessoas que lá conheceu. Páginas pensadas com elegância e escritas com o prazer de admirar.

La Vie de Jean Racine, por François Mauriac, 15 fr. Este autor, que está espalhando o seu talento por géneros muito diversos, tendo já este ano publicado um forte romance, *Destins*, e um inteligente ensaio sobre a arte do romancista, produziu agora uma dessas biografias romanizadas, hoje em tamanha voga, que nos dá um Racine que deve estar muito próximo da verdade, pelo carácter íntimo que o autor lhe imprimiu.

Le Livre de Raison (2.ª série), por Joseph de Pesquidoux, 12 fr. Livro dum camponês, escrito sem artifício, mas testemunhando um engenho sólido e, sobretudo, escrupuloso quanto à sinceridade do que escreve. Continuação doutro que publicou em 1925, como o anterior é este feito de emoções nobres e quadros exactos da vida rural.

Axelle, por Pierre Benoit, 12 fr. Talvez o melhor romance do autor, até esta data. Divergindo da índole dos anteriores, aqui não se encontra a movimentada narrativa de aventuras que tem constituído o dominante elemento da obra do autor. Duas personagens principais: um francês e uma alemã, aquêle prisioneiro de guerra, esta filha dum general prussiano arruinado e maníaco. Apaixonam-se eles e, só com este assunto, Pierre Benoit elabora um livro saboroso, com uma alternativa de tons satíricos e poéticos até agora mal conhecida dos leitores do romancista da *Allantide*.

Les Bléancourt, pelo Comte de Comminges, 12 fr. Este autor, que nunca pensou em ser um profissional das letras, acontecendo até que muitas das suas obras apareceram sob pseudónimos diversos, era todavia um artista de verdade, com a vantagem de não ter de obedecer às exigências do público e escrevendo, portanto, só sobre o que lhe agradava. Neste livro é-nos descrita, com um grande acento de ver-

dade, a existência duma família nobre da província. Uma narrativa calma como poucas.

Madame de Pompadour et la politique, por Pierre de Nolhac, 9 fr. As qualidades essenciais do espírito do autor, as quais são erudição, subtilidade intelectual e probidade, revelam-se mais uma vez neste estudo que, depois do de Sainte-Beuve, é o mais interessante que tem aparecido sobre a figura da célebre e gentil aventureira que chegou a ter dependente dos seus caprichos a vida duma nação.

La Nouvelle éducation sentimentale, por

HENRI DUVERNOIS



Um dos mais fecundos e perfeitos contistas das letras francesas contemporâneas, que acaba de publicar o volume *Coeur*, recomendado pelo Comité Sequana. Trata-se de uma série de diálogos, em que os profundos dotes de psicólogo já afirmados pelo autor em muitas outras obras notáveis, como *Faubourg Montmartre* e *Morte la Bête*, se aplicam a analisar a forma do amor que, estando aquém da paixão, é todavia mais do que simples desejo.

Louis Bertrand, 12 fr. Sucessor de Barrès num *fanteuil* académico, este ilustre escritor tem-se dedicado especialmente aos assuntos históricos e religiosos. Este livro, porém, de carácter romanesco, é como que um depoimento sobre a época do autor. Autobiografia? Quasi. Jean Perbal, protagonista da obra, deve ter muito de Louis Bertrand, sem deixar de ser um *Hpo* no qual vemos exemplificados os erros duma educação excessivamente norteada pelo sentimentalismo.

La Naissance du Jour, por Colette, 12 fr.

Série de confidências dum espírito irrequieto que sente cair sobre ele as sombras crepusculares. A autora, que sempre se retratou nos seus livros, aqui não foge à regra. Sob a traça do romance, sente-se o seu coração votado para inéditos quadros da vida, dos quais o amor foi banido, o amor, «uma das grandes banalidades», escreve a autora. Páginas vibrantes, sinceras, que, embora diferentes das que Colette escreveu outrora, não nos prendem menos.

Le Jardin de Picpus, por G. Lenotre, 20 fr. Tratam estas páginas da Revolução Francesa e das suas execuções. Partindo dum ponto restrito, o suplicio de três mulheres des *femmes Noailles*, como dizia o Tribunal revolucionário, o autor chega a traçar um largo quadro histórico.

Panorama de la musique contemporaine, por André Coenroy, 18 fr. Obra muito lúcida, muito bem informada sobre a arte musical dos nossos dias. Não é uma colectânea de crónicas, como tantas hoje se publicam. Não. É um livro, todo ele obediente, em suas partes, a um plano, livro dum técnico e dum artista de larga cultura intelectual.

La Vie de Fernand Cortés, por Jean Babelon, 12 fr. A biografia dum homem de acção, escrita com o escrupulo dum historiador e encarando Cortés principalmente como conquistador do México.

La Jeunesse de Victor Hugo, por André Le Breton, 25 fr. Livro escrito, com clareza e simplicidade, sobre a infância do romancista dos *Miserables*, infância que, no dizer do autor, foi laboriosa e casta, séria e cheia de nobres entusiasmos.

Une étoile en 1830, por Albert Flament, 7 fr. 50. Traços da vida da Malibrán, afamada cantora. A sua infância, o seu primeiro casamento com um banqueiro senil e o segundo, de amor, com Charles de Bériot. É uma evolução da primeira metade do século XIX, cheia de anedotas, cheia de colorido.

De la Dogaresse au Lys rouge, por Marthe-Yvonne Lenoir. Pequeno livro recheado de curiosas notas sobre a Itália do norte. Não há aqui apenas telas de paisagem ou descritivos de monumentos. A autora dá-se também a estudar nestas páginas a crise de expansão que o povo italiano está atravessando.

新 報 譯

**«REVISTA DE LAS ESPAÑAS»
E EXPOSIÇÃO DE ANTUÉRIA**

Temos presente o último número publicado da excelente «Revista de las Españas», que é órgão da União Ibero-Americana, instituto que, particularmente, nos deve ser simpático, em vista do seu programa consistir no estreitamento das relações sociais, económicas, científicas, artísticas e políticas entre a Espanha, Portugal e as nações sul-americanas. Neste tomo destacamos os dois artigos seguintes, como de matéria que mais perto nos toca: *Idea de un Banco Interbancário*, por Luis Arquistain; e *Revista Literaria Ibérica*, por E. Giménez Caballero.

Recebemos também, em brochura de capa vistosa, o Regulamento Geral e Plano da Exposição Internacional Colonial, Marítima e de Arte Flamenga, que, comemorativa do centenário pátrio, a Bélgica vai realizar em 1930. Especialmente nas suas secções relativas à vida das colónias, tal certame muito interessa a Portugal.

As livrarias ALLAUD E BERTRAND, representantes em Portugal das SELECTIONS MENSUELLES SEQUANA, respondem gratuitamente a todas as consultas que lhes sejam feitas sobre a remessa regular, por assinatura, das obras escolhidas pelo COMITÊ, que são as melhores da literatura francesa.

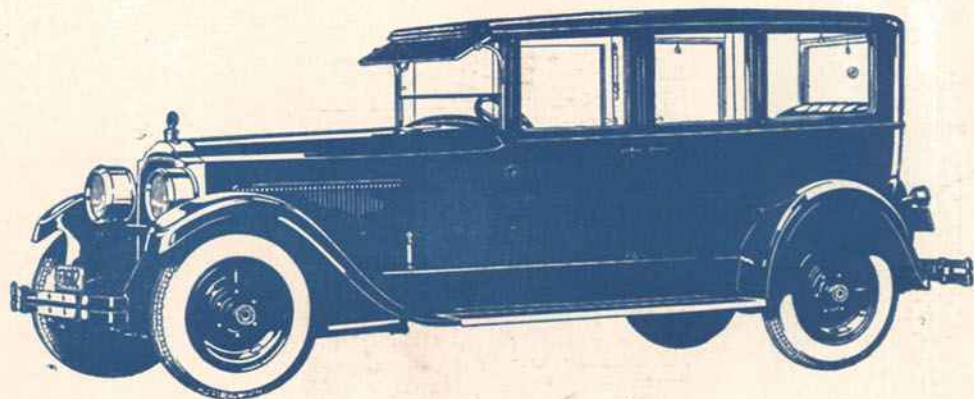
ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados...	24\$10	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados		53\$80	105\$60	Registados	51\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO	63\$00	124\$00
Registados		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4\$00

Packard

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



O AUTOMOVEL DOS ENTENDEDORES



SALÃO DE EXPOSIÇÃO:

4. Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}

LISBOA—PORTO



**TABELA
DE
RECOMENDAÇÕES**
(PARCIAL)

As indicações seguintes referem-se a car-
ros de passageiros.

A - significa Saeftol Mobiloil A

MARCAS 1924

A. C. 9 cil. 12x25 H. P.	A
Autos modelos	BB
Alfa Romeo	BB
Ambler 4 cil.	BB
5 cil. 12 x 14	BB
Ardone	A
Berliet	A
Buick	A
Castillo	BB
Chrysler	A
Chrysler	A
Chrysler Imperial 80	BB
5 cilindros modelos	A
Citroen B 14, B 15	A
Dodge Brothers	A
Edison	A
Essex	A
F. N.	A
Fiat 500	A
5 cilindros modelos	BB
Ford modelos A.	A
Hudson	A
Hupmobile 6 e 8 cil.	A
G. M. B. cil.	BB
4 cil.	A
Packard 6 e 8 cil.	A
Packard Leonard	A
Plymouth 5 H. P. Quadrilante	BB
5 cilindros modelos	A
Reo 6, 8, 15 H. P.	BB
5 cilindros modelos	BB
Studebaker	A
Elva	A
Whippet	A

Esta Tabela de Recomendações foi com-
pilada pelos engenheiros da Secção de
Automóveis da Vacuum Oil Company e
representa o ponto de vista profissional
sobre lubrificação de Automóveis.

Transmissão e Diferencial

Para a sua lubrificação utilize o Car-
goyle Mobiloil C. C. ou Mobilgrease
conforme as indicações contidas na Tabela
completa.

Cuidado com a Lubrificação!

OS motores dos automóveis sempre funcionaram a altas tem-
peraturas; nos motores modernos essas temperaturas são
mais elevadas do que nunca.

Nestes últimos anos o regime médio de um motor passou
de 2.000 a 3.000 rotações por minuto, o número de explosões
aumentou proporcionalmente e os pistões movem-se muito mais
rapidamente, produzindo temperaturas de funcionamento muito
mais elevadas.

As qualidades e tipos de óleo que serviam nos motores mais
lentos não servem para os motores modernos, pois já não for-
necem a margem de **segurança** necessária para satisfazer as
exigências dos motores actuais.

A maneira que se tem aperfeiçoado os motores, também
os nossos tipos de MOBIL OIL tem sido aperfeiçoados.

Se a marca do seu automóvel não vem incluída na Tabela
parcial ao lado, pode V. S.^a pedir-nos um exemplar gratuito do
nosso folheto "Como cuidar do seu carro" onde encontrará a
nossa Tabela de Recomendações completa, e muitos conselhos
úteis ao automobilista que quer poupar o seu carro.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações



Vacuum Oil Company